

1909

VOLUME XVIII

REVISTA * * * * *

DO

* * * * * MINEIRO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRIGIDA POR

José da Silva Vieira

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

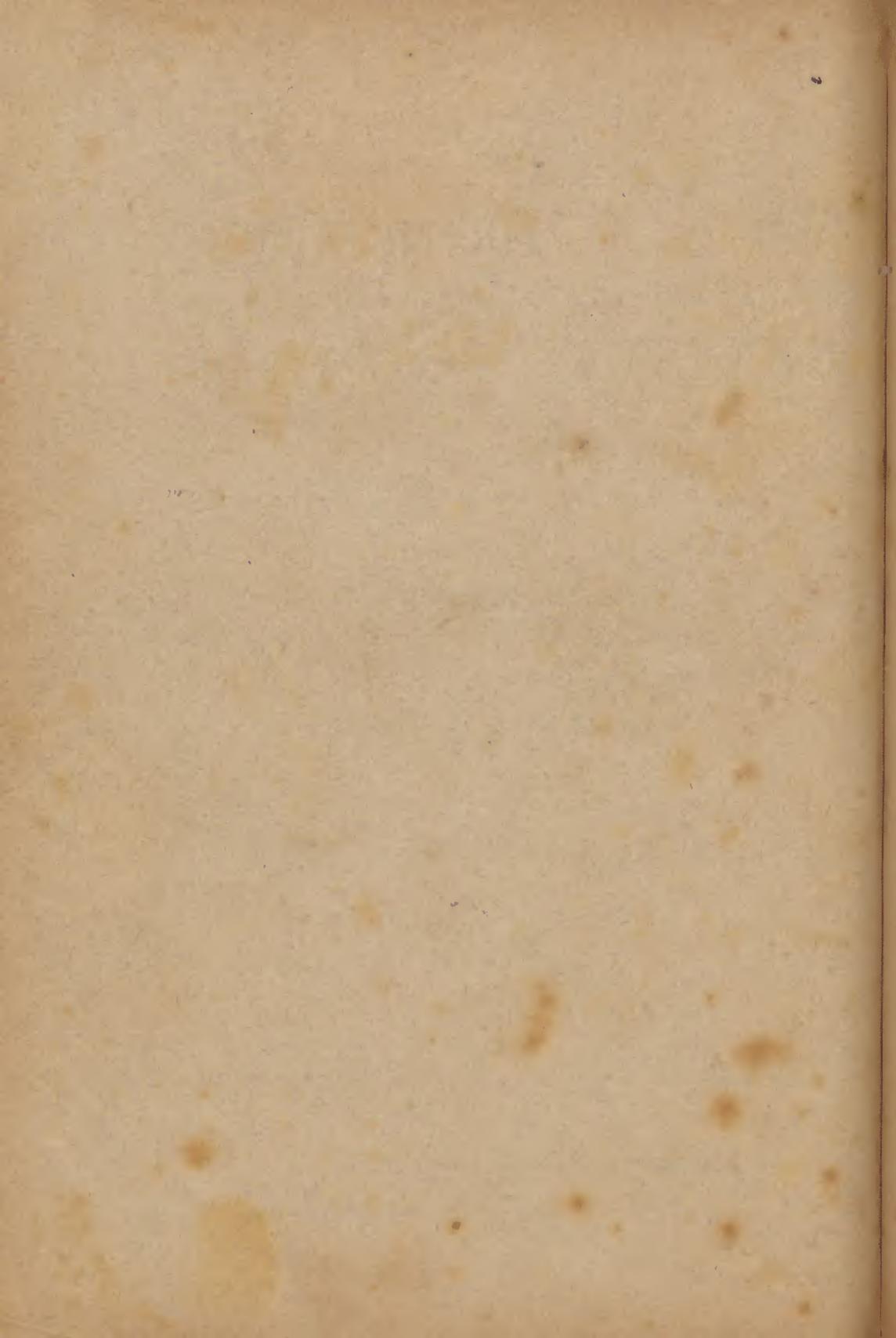


ESPOZENDE--1909

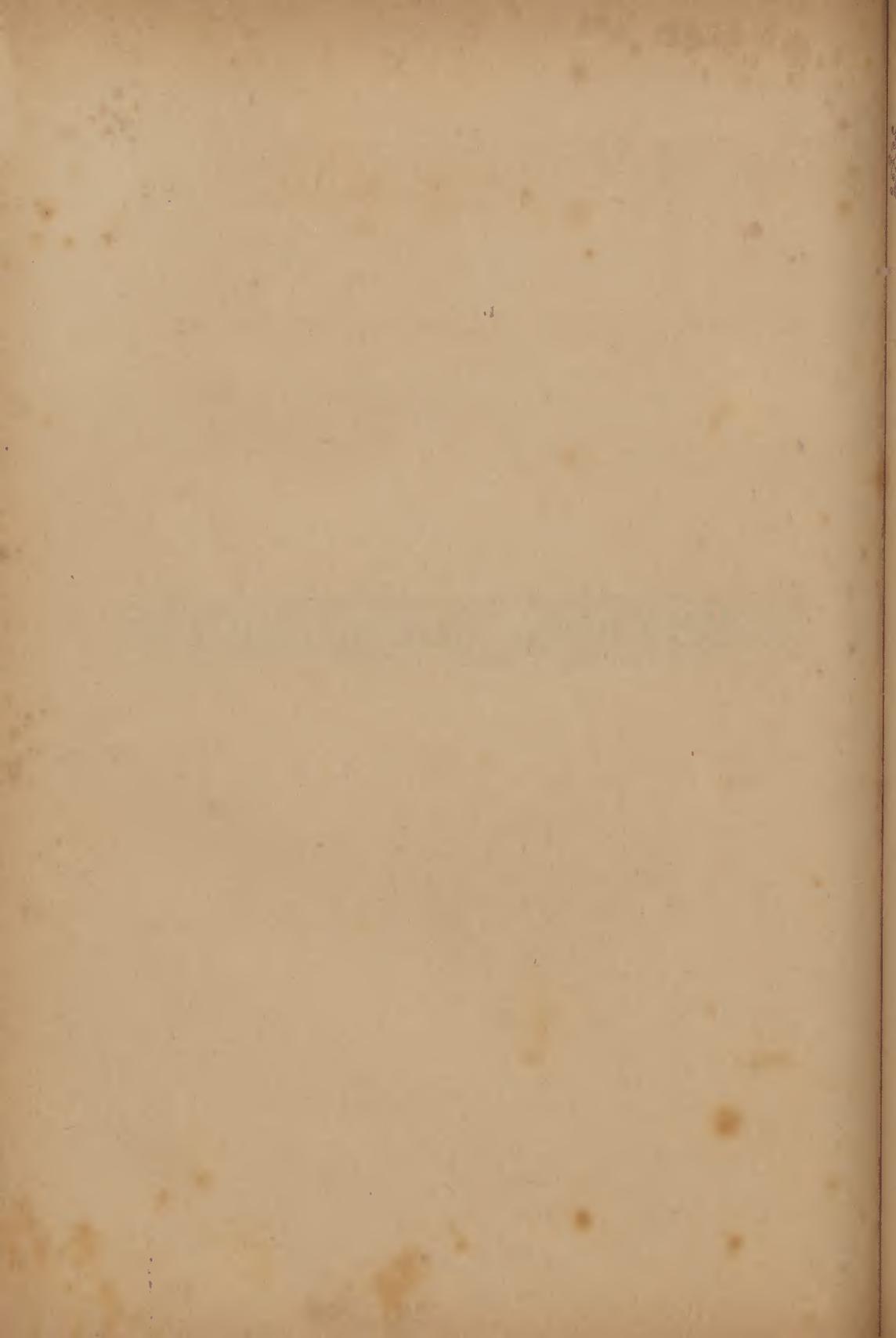
A VENDA NA REDACÇÃO D'ESTA REVISTA

POR ASSIGNATURA 1.000 REIS

PREÇO AVULSO 1.500 REIS



REVISTA DO MINHO



REVISTA DO MINHO

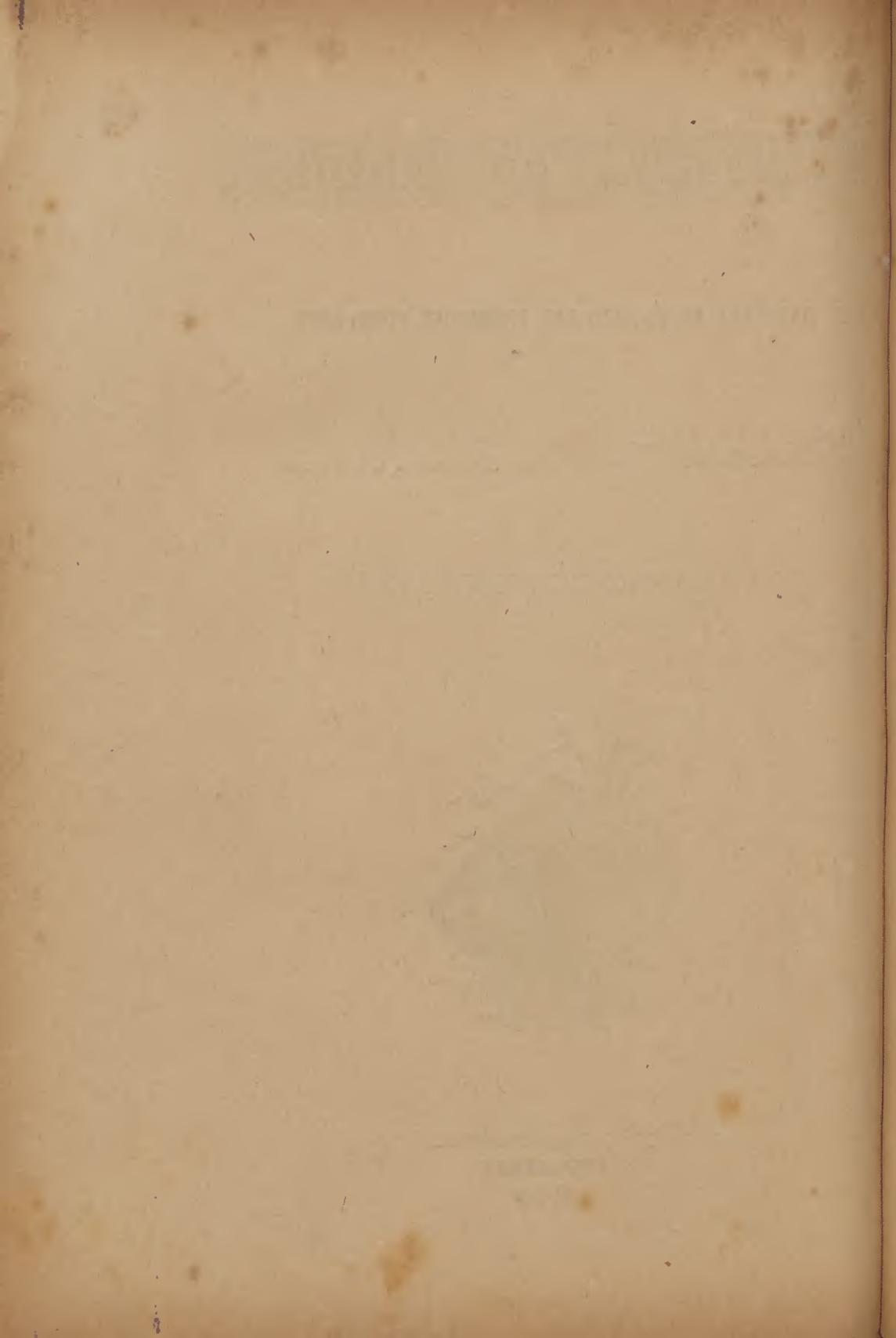
DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

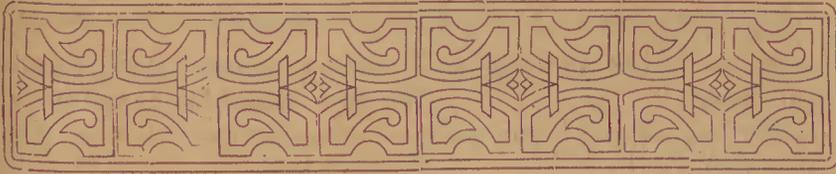
Director: José da Silva Vieira

XVIII ANNO DE PUBLICAÇÃO



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ESPOZENDE
1909





PROVERBIOS DE MARÇO

—Agua de Março peor é que nodoa no panno.

—Março. marçagão, manhã d'inverno, tarde de verão.

Vae-te aos cubos do moinho, teu braço a novos proveja, quando por Março troveja.

—Quem póda em Março, vindi- ma no regaço.

—Temporã é a castanha que por Março arreganha.

—Se queres bom cabaço, se- meia em Março.

—O grão em Março nem na terra nem no sacco.

—Paschoa em Março, ou fome ou mortação.

—Se não chover entre Março e Abril, venderá El-Rei o carro e o carril.

—Se o Cuco não vem entre Março e Abril, ou o Cuco é morto ou está para vir.

—Março ventoso, Abril chuvo-

so, Maiõ amoroso, fazem o anno fermoso.

—Quando Março sahe ventoso Abril sahe chuvoso.

—Quando floriu o maracotão, os dias eguaes são.

Tardes de Março, recolhe teu gado.

—Em Março, merenda e peda- ço, em Abril merenda e merendil.

—Em março, por onde quer eu passo.

—Março, marçagão, de manhã cara de gato e á noite cara de cão.

PROVERBIOS DE ABRIL

—Abril frio, pão e vinho.

—Abril frio e molhado, enche o celleiro e farta o gado.

—Abril aguas mil coados por um mandil.

—A rez perdida em abril cobra a vida.

—As manhãs de Abril são doces de dormir.

—Abril aguas mil e em maio tres ou quatro.

—A ti chova todo o anno; e a mim chova Abril e Maio.

—Abril cheio o covil. (Diz-se assim por ordinariamente estar concluida a postura das perdizes no fim d'este mez.)

—Altas ou baixas, em Abril, vêm as Paschoas.

—Abril e Maio são as chaves do anno.

—Chuvihas d'Ascensão das palhinhas fazem pão.

—Do grão te sei contar que em Abril não ha de estar nascido, nem por semear.

—Em Abril vae onde has-de ir e torna ao teu covil.

—Em Abril vae a velha onde quer ir e a casa vem dormir.

—Em Abril queijos mil; e em maio tres ou quatro.

—Em Abril, guarda o gado e vae onde tens de ir.

Em abril pelos favaes verás o mais.

—Entre Abril e Maio moenda para todo o anno.

—Exame de maio a quem t'ó pedir dá-lh'ó; e o de abril guarda-o para ti.

—Frio d'Abril nas pedras vae ferir.

—Guarda pão para maio, lenha para abril.

Março ventoso e abril chuvoso, do bem colmeal farão astroso.

—No principio ou no fim, Abril sóe ser ruim.

—Não ha Entrudo sem lua nova, nem Paschoa sem lua cheia.

—Por todo Abril, mau é descobrir.

—Por S. Marcós (25) bogas em saccos.

—Por abril dorme o moço ruim, e por maio o moço e o ano.

—Quem me vir e ouvir, guarde pão para maio e lenha para abril.

—Saveis por S. Marcós enchem os barcos.

—Solho d'Abril, abre-lhe a mão e deixa-o ir.

—Somno de Abril deixa-o ao teu filho dormir.

—Se não chover entre maio e abril venderá el-rei o carro e o carril; e entre abril e maio o carril e o carro.

—Se não chove em abril, perde o lavrador o carro e o carril.

—Somno de abril deixa-o a teu filho dormir, e o de maio a teu cunhado.

—Uma agua de maio e outra de abril valem por mil.

PROVEBIOS DE MAIO

Fouce no cabo está prestes a soar a hora anciosa das segas.

—Em maio come as cerejas ao borralho.

—Quando maio chegar quem não azou ha de azar.

—Em abril queijos mil; e em maio tres ou quatro.

—Entre abril e maio moenda para todo o anno.

—Guarda pão para maio, lenha para abril.

—Quem me vir e ouvir, guarde pão para maio e lenha para abril.

—Abril aguas mil, e em maio tres e quatro.

—A ti chova todo o anno; e a mim chova abril e maio.

—Uma agua de maio e tres de abril valem por mil.

—Se não chover entre maio e abril, venderá el-rei o carro e o carril.

—Se não chover entre maio e abril dará el-rei o carro e o carril por uma fogaça e um funil, e a filha a quem a pedir.

—Se chover em maio, carregará el-rei o carro; e em abril o carril; e entre abril e maio, a carril e o carro.

—Enxame de maio, a quem t'ò pedir, dá-lh'ò; e o de abril, guarda-o para ti.

—Por abril dorme o moço ruim, e por maio o moço e o amo.

—Somno de abril deixa-o a teu filho dormir; e o de maio a teu cunhado.

—Chuvinha da Ascençã, das

pallinhas dá pão.

—Se chover pela Ascençã as pallinhas darão pão.

—Se os passarinhos soubessem quando é a Ascençã não poriam pé no ninho nem o biquinho no chão.

—Primeiro de maio corre o lobo e o veado.

—O rocim em maio torna-se cavallo.

—Quanto maio acha nada, tudo deixa espigado.

—Quem em maio relva, não tem pão nem herva.

—A boa cepa, em maio a deita.

—Maio couveiro não é vinhateiro.

—Maio hortelão: muita parra e pouco pão.

—Pão tremez—não o comas nem o dê, mas guarda-o para maio.

—Quem em maio não merenda, aos finados se encommenda.

—Em maio vae e torna com recado.

—Em maio, a quem não tem, basta-lhe o paio.

—Touro, gallo e Barbo, todos teem razão em maio.

—Camaras de maio, saude de todo o anno.

—Quem quizer mal a sua vizinha, dê-lhe em maio uma sardinha.

—A quem em maio come

sardinha, em agosto lhe pica a espinha.

—Peixe de maio—a quem t'ou pedir, dá-lh'o.

—Maio com o trigo, e agosto bebe o vinho.

—Maio pardo, faz o pão grande.

—Maio pardo, junho claro.

—Quem o cuco ouvir antes de maio já não morre nesse anno.

A origem da mulher

Diz-se—com ou sem razão—que a mulher foi formada da cauda de um macaco ou d'uma costella de Adão, que por isso ficou com uma aduella de menos.

Vejam, porém, o que a tal respeito diz a lenda hindú:

«—Na origem dos tempos, Twahtri creou o mundo; quando, porém, quiz crear a mulher, reconheceu que na formação do homem havia gasto todos os materiaes.

Os elementos solidos tinham sido utilizados.

Perplexo, Twahtri absorveu-se nos mais profundos pensamentos.

Pouco depois despertava e creava a mulher. Para a formar, tomou a redondeza da lua e a ondulação da serpente, o enlaçamento das trepadeiras e o leve tremor da relva, a elegancia dos cannaviaes e o avelludado da flor, a alegria de

um raio de sol e o olhar doce do cabrito, a inconstancia do vento e as lagrimas das nuvens, a timidez da gazella e a vaidade do pavão, a macieza da penugem, e a riqueza do diamante, a crueldade do tigre e o calor do fogo, a frialdade da neve e a tagarelice do gaio; e, depois de metter tudo isto n'uma urna, pisou, moeu, remecheu... e sahiu então a mulher.

Em seguida ao que, voltou-se para o homem, dizendo-lhe: —Toma, ahi te dou uma companheira».

DEMOSOPHIA

(Continuação)

II

APODOS ÀS TERRAS

B) Determinados

a) CONRITA GENTE

82 de Gáfete, potros.

83 de Val-do-Pêso, doutores.

84 da Flôr da Rosa, pisa-flôres.

85 de Veiros, trouchos.

86 Os de Santa Eulalia (10) são carvoeiros.

87 Os de Faro são murraceiros, e zangam-se em lhes perguntando: Que horas são?

88 Os de Tavira são machadinhos, e metteram o Santo Christo, ou o Senhor dos Passos, n'uma caldeira.

(10) Concelho d'Elvas.

- 82 de Gáfete, potros.
 83 de Val-do-Pêso, doutores.
 84 da Flôr da Rosa, pisa-flôres.
 85 de Veirões, tronchos.
 86 Os de Santa Eulalia (10) são carvoeiros.
 87 Os de Faro são morraceiros, e zangam-se em lhes perguntando: Que horas são?
 88 Os de Tavira são machadinhos, e metteram o Santo Christo, ou o Senhor dos Passos, n'uma caldeira.
 89 Pero guarda,
 Gente parda.

(b) **CONTRA POVOAÇÕES**

- 90 Adeus ó villa do Castro,
 Que terra tão desgraçada!
 Já não ha trabalhadores
 P'ra fazerem a calçada.
 91 Adetus, Cabeço de Vide,
 Toda cercada de neve.
 Terra filha da...
 Quem não tem escalho (11) não bebe.
 O apodo consiste na recordação de que o gado é que tem (usa) chocalho.
 92 D'Evora diz-se tambem quem não bebe quem não tem cana e corno.
 Com effeito as fontes da cidade tem as bicas tão altas que era pree

(10) Concelho d'Elvas.

(11) Chocalho. Em muitas outras terras empregam chocalhos grande a que mandam pôr aza como baldes para tirar agua dos poços.

ciso uma cana ôca com um copo de pau do ar para fazer o papel de funil que conduzisse a agua para os cantaros Hoje já se empregam canudos de lata com um alargamento em cima.

- 93 Cuba.
 Muita parra pouca uva.

c) **CONTRA COSTUMES E COISAS**

94 Os da Casa Branca (concelho de Souzel) são carvoeiros. Com effeito diz-se que a povoação, hoje uma das melhores aldeias, foi iniciada por habitações de empregados na exploração do carvão por meio de fornos.

95 Quando alguem affecta de valente alardeando, que vae fazer e acontecer, diz-se-lhe:

—Veja lá nã' faça c'mó Alcaide das Brotas (12) que foi a puxar p'la 'spada e cabiu d'em c...

96 Em Santarem diz se:
 Torres Novas, terra de brutos
 Do Almonda negra flôr.
 Onde bebados aos centos
 Se embebedam a vapor.

97 Antão morreu c... nas azinhagas de Borba.

98 Pela manhã e Borba
 A' tarde é Bôria...
 Allude á bebedeira que não deixa pronunciar bem a palavra.

99 Os de Vidigueira zangam-se em lhe dizendo:
 Larga o osso, Vidigueira.

(12) Pequeno logar do antigo concelho das Aguias. Hoje pertence ao de Móra.

100 Os de Castro Marim atiraram com a cruz á lebre.

101 Os de Moncarapacho não gostam que se lhes pergunte pelo Senhor morto.

102 Os de Fuzeta embespinham-se com a pergunta:
— Já deu meio dia ?

103 Villa Viçosa
Dê'tada na cama
Mulhê' perguçosa (13)

104 Ê quer' cazari
Vô ó Landroali;
Se lá não achári,
Vô ó Barbaceina,
Trag' mulhê' pr'á cãma
E burr' pra' leinha. (14)

III

REFERENCIAS DIVERSAS QUE NÃO SÃO ELOGIOS NEM APODOS

105 Letria d'Abrantes (palha).

106 No Vimieiro, concelho d'Arrayolos, dizem quando sópra o vento do lado da cidade (S. S. O.) que está das adegas d'Ev'ra.

107 Quando alguém espirra, no Vimieiro, diz-se:
Para Cano (1), que é terra fresca.

(13) Revista Luzitana.

(14) Revista Luzitana.

(1) Villa do concelho de Souzel.

108 Quando alguém tem só um sapato ou meia calçada diz-se: Você é c'm'ò Juiz de Cabeção, (2). C'um pé calçado outro não; e também:

E' com'ò juiz de Cabrella,
C'um pé calçado outro á vèla.

109 Todos os portuguezes ao norte do Tejo são gallegos, dizem os do Alemtejo.

110 Os marginaes de mesmo rio bordas d'agn.

111 Você sabe quantas leguas são de Beja aqui ?

112 E quantas de Monge' aqui ?

113 *Legoa da Povoá* indica uma coisa muito comprida.

114 Mourão Mourão,
Toma lá o meu dente podre,
Dá-me cá o meu são;

dizem as creanças quando lhe cae algum dente de leite, devendo atral-o para um telhado afim de lhe nascer outro.

115 Duas horas em Marvão
Nôte na mão (3).

116 Uma vez a Cascaes e nunca mais.

117 Salvaterra, Banavente,
Jenicó fica no meio,
As meninas de Samora (4)
Baltham com todo o aceio.

(2) Villa do concelho de Mora ou Aviz.

(3) Publicada por Alberto Pimentel in *Viagens á roda do Cod. Amê.*, 134.

(4) Samora Correia, junto a Salvaterra dos Magos (R'batejo).

118 Parece impossivel, ivel
Que em Setubal, uval
Não haja savel, avel.

119 Dizem no Riba-Tejo:
Quem quize: fartura vá pr'ó A-
lemtejo, cada dez saccoes é um moio.

120 Se fóres ó Alemtejo,
Traz de lá 'om'alemtejana,
Que seja mui pequenina,
Que me não caiba na cama.

121 Aos obreiros que da Beira vem
aos trabalhos agricolas chama-se *Ra-
tinhos*.
Os da Azaruja (5) são rolheiros.

122 Quando algum se queixa da chu-
va diz-se-lhe:
Faça com'os d'Evora-Monte quan-
do chove deixam chover.

123 Quando se quer depreciar uma
propriedade diz-se:
Pra ter isso mais vale ter'ma 'e-
têva na serra d'Ossa.
(Tambem lhe chamam serra d'os-
sos.)

124 Quem não tem nada diz:
Sou muito rico tenho uma fazenda
ao pé do Redondo.

125 Quando alguém se zanga diz:
Ora, espetos! se vendem em Ba-
navilla (6).

126 Adens Vianna que eu vou para
o Porto.

127 Os de Extremoz são tramoceiros

128 Tam hem lhe chamam *pucari*.

nhos e bonecos, alludindo ao fabrico
de ceramica.

129 Villa d'Extremoz
Sant'André no centro
Onde eu vou á missa
C'o meu regimento.

130 Quando falta qua'quer coisa, cos-
tuma dizer-se:

Então o que quer que lhe façai
quer que o mande vir de Extremoz.

(Continúa)

Soeiro de Brito.

CANTIGAS SOLTAS

Essa fita que enlaça
Os teus cabellos, côr d'oiro
E' igual ao soldado que faz
Sentinella a um *thesoiro*.

Eu não gosto, nem brincando,
Dizer adens a ninguem;
Quem parte, leva saudades;
Quem fica, saudades tem.

Eu quero bem ao meu amor,
Elle tambem me quer a mim;
Dizendo os meus segredos a outro . .
Eu nao posso ser assim.

E' triste quem tem amores,
E' triste quem os não tem,
De todo o modo é triste. . .
Melhor é não ter ninguem.

(5) Villa Nova da Princoza.

(6) Concelho de Ponte de Sôr.

Olhos mais lindos que os teus,
 Não os vi, não os conheço;
 Depois que teus olhos vi
 Todos os mais aborreço.

O cravo, depois de secco,
 Quer dizer amor perdido;
 Eu, é que não posso amor
 De ti mudar o sentido.

O' meu amor, eu não posso
 Com tantas penas amar-te,
 São tantos a pretender me.
 Eu resolvo-me a deixar-te.

O' cantador, cantador,
 Porque não dás coisa boa?
 Cada qual dá o que tem...
 Conforme a sua pessoa.

Encontrei o sol á noite
 Na rua Nova do Porto;
 Quando o sol anda de noite,
 Que fará quem é garoto!...

Espozende é pequenino,
 No meio tem *alvaredo*;
 Onde ha muito ramalho
 Canta o cuco muito cedo.

Eu foi o que disse ao sol.
 Que não tornasse a nascer;
 A' vista destes teus olhos
 O sol que vem cá fazer?

Elle chove miudinho...
 E a chuva d'onde vem?
 Dos olhos do meu amor,
 Ou do coração d'alguem?

Eu jurei ao meu amor
 Que não dizia a ninguém
 Do beijo que tu me deste
 E que nenhum crime tem.

Eu sou cravo, tu és rosa,
 Qual de nós brilhará mais?
 Os cravos, pelas janellas,
 As rosas, pelos quintaes.

Adivinhas populares

De Theophilo Braga, no seu trabalho "O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições."

Branca por fôra,
 Branca por dentro,
 Alço a perna
 Meto-lh'a dentro?

(As ceroulas).

Nasce no Monte
 E vem cantar a casa?

(A dobadeira).

Casinha vermelha
 Sem porta nem telha?

(A laranja).

Por baixo pinho,
 Por cima linho,
 Ao redor amores,
 No meio flôres?

(A meza a toalha e as comidas).

UMA lenda de Angola .

Havia um senhor no Libollo que tinha tres escravos (*moleques*, como lhes chamam.) Eram esses escravos: um cão, um gato e um rato. Todos tres trabalhavam e o seu senhor estava contentissimo com elles. Eram solteiros, menos o rato que tinha uma *mucama* (amante) habitando em uma *cabata*, fóra da casa do seu senhor. Os outros dois, viviam em casa do amo e o acompanhavam por toda a parte. Mas, de todos elles, o mais estimado pelo patrão era o cão, attenta a sua fidelidade, honradez e boa vontade nos trabalhos, que lhe eram confiados.

Attendendo a isto e juntamente á sua idade já entradota, o velho senhor resolveu conceder-lhe a carta de alforria, o que foi levado a effeito, sendo-lhe entregue um dia pelo mesmo, dizendo-lhe que, se quisesse, poderia ir para outras terras, resolvendo elle ficar ao serviço de quem tanto o estimava. Mas, talvez, desconfiado de que o senhor um dia se arrependesse e lhe tirasse a carta de liberdade ou temendo perdê-la, ou que lh'a

roubassem da sua caixa, e como a sua farpela não tinha bolsos, resolveu pedir ao gato que lh'a guardasse. Este recebeu-a, mas tremendo extravial-a, foi pedir ao collega rato, que como tinha casa sua, lhe guardasse aquelle documento importante, recommendando cautella, pois que era do collega cão. O rato chegado a casa, entregou-a á sua companheira rata, para que aquella a guardasse cautelosamente. Esta assim fez. Ora aconteceu que a rata estava grávida e precisando de qualquer coisa para fazer a cama, onde tivesse o seu bom successo, lembrou-se da carta que tinha guardada e roendo-a, reduziu-a a pedacinhos para esse fim. O cão, zangado com uma partida que lhe fez o patrão, resolveu partir e dirigiu-se ao gato, para que lhe desse a carta de alforria que lhe entregara para guardar; o gato desculpou-se que a não tinha alli e disse que a ia buscar a casa e dirigiu-se ao rato, que, como a tinha entregado á rata, foi-lh'a pedir; mas qual não foi o seu espanto, quando esta lhe disse que a tinha roído para cama de seus filhinhos! O rato zangado deu lhe uma grande sova,

pois que lhe parecia já sentir nas costas, a pancadaria que o gato lhe iria applicar. E assim aconteceu, pois que este lhe applicou a sova mais valente, de que resam os chronicas d'aquellas terras. E lá se foi, tremendo e medroso, para o cão, aquém explicou a sua desgraça, contando-lhe tudo; este furioso, vendo-se de novo escravo, pois que o seu patrão não mais lhe daria a liberdade, passou para o pelo do gato com uma tremendissima surra. E eis aqui está a explicação, porque o cão, o gato e o rato são inimigos.

(Lenda colhida no Libollo, interior d'Angola, da tradição oral.)

1898. *Xavier Vianna.*



FABULA

A tradição e o progresso

Do casamento da tradição com o progresso nunca houve filhos; por que todo o tempo se passava em continua guerra:

O marido a despejar o revólver no peito da esposa, e, esta por seu turno, decepan-do a cabeça ao progresso com uma acha.

A mulher tapava de prom-pto os buracos das balas e o marido tornava a collocar a cabeça no seu lugar, assim como nós collocamos o chapéu na cabeça quando nos cae.

Os malditos zêlos continuavam a produzir questões por isso a tradição julgou que o unico meio de reter em casa o marido cyclista, automobilista, e aeronauta, era emparedal-o.

Feito isto, o progresso não querendo estar entaipado fugiu em automovel por que sabia que a tradição só o seguiria em galera, o que de facto succedeu.

A Tradição, ao passo que seguia o marido, para o interessar, dizia lhe que se havia descoberto o esqueleto de Adão; porém, o progresso fugindo sempre, respondia-lhe que outro descobrimento maior o attrahia e que só voltaria quando encerrasse o Infinito em uma boceta.

Em vista d'isto a Tradição pediu o divorcio aos *Deuses*. Estes deliberaram, depois de sabia reflexão o seguinte:

•Attendendo a que não ha maneira de separar o que é da Tradição e do progresso; considerando que os seus

genios são incompatíveis:

Resolvemos que o matrimonio é indissolúvel e que continuem, por serem inevitáveis, as suas questões.

Traducção do hespanhol.

DEMOSOPHIA

DICTADOS TOPIOS PORTUGUESES

III

REFERENCIAS DIVERSAS
QUE NÃO SÃO ELOGIOS
NEM APODOS

(CONTINUAÇÃO)

131 As creanças que estão para nascer veem de Lisboa n'uma condencinha.

132 *Ceremonia de Veiros* diz-se da porção de comida que fica na meza sem ninguem se atrever a tirar por se pouco.

133 Bem te conheço.

E's de Braga e chamasti Lairenço.

134 Os de Campo Maior são *manos*.

Effectivamente por quasi toda a raia os visinhos de uma povoação, e as vezes mesmo aos das outras, tratam-se por *manos*.

Quando chove e faz sol.

Balham as moças de Campo Maior.

135 Aos de Estremoz tambem chamam os *gadanhas*, porque possuindo um bello lago no rio, em meio d'elle se ergueu a estatua de Saturno, ou o Tempo, a quem o povo chama o João da Gadanha.

136 Quando se vê alguem com braços ou pernas magras diz-se-lhe:— Se passas por Guimarães ficam-lhe

li as canellas para cabos de facas, alludndo ao fabrico de cabos de garfos e facas.

137 Salvaterra é do rei,
Villa Nova da Rainha,
S'eu fôra filha do rei
Já Villa Nova era minha.

138 Aronches — terra de porcos.
Por ser abundante em montados.

139 Niza — Côte das areias.

140 Cacilhas é terra dos cães.

Explica-se: Algum dia os lisboetas para se verem livres dos cães que infestavam a cidade mettiam-n'os n'uma falúa e mandavam-n'os para a outra banda.

141 Portalegre — terra das canastras.

142 Os de Braga não fecham a porta.

143 Ade's, ó villa d'Orique,
Já te mandaram fazeri
Casa nova e tribunali,
Aonde o pobre vae jazeri.
Aonde o pobre vae jazeri,
Aonde o rico vae jurari.
Adê's, ó villa d'Orique
Já lá tens o tribunali.

144 Aos de Campo Maior tambem chamam de *Campo Joannes*.

E' tradição que a aldêa, que depois foi villa, se chamou *Aldêa de Joannes*.

145 As pessoas de Alter Pedroso teem os dentes pretos.

Dizem que é das aguas de uma fonte que ataca o esmalte.

146 Por brincadeira, diz se a alguem que tosses ou se engasga:

S. Braz de Montoito
P'ra acudir a um
Afogou oitô.

147 Quem quer aprender a andar
Vá d'Arronches ó Assumar,
Quem quer outra lêgu' assim

- Vã d'Elvas a Villa Boim. (1)
- 148 Campe Maiori, (2)
Terra das manas,
Umás engratas
Otras tirannas.
- 149 Alfundão
Todos p'lejam eninguem tem re-
zão.
- 150 Comparo Beja com Quintos,
Balêzão com a Salvada,
Alvito com Villa Real,
Alfundão com Pero-Guarda.
- 151 Adé's cidade de Beja,
Terra da minha affilção;
Deram tres horas da tarde
Quando fui p'ró batalhão!
- 152 O' Beja quem t'arrazasse
Com um copo d'aguardente,
Que ficassem sô os santos
Par' ô emparo da gente.
- 153 Sou do termo d'Alcoutim
Batsado em Olhão.
Cantadores com' a ti
Lev' os eu ô cachação.
- VARIANTE
- 154 Sou do termo d'Acoutim,
Bautisado em Lólê.
Cantadores com' a ti
Lev' os eu ô pontapé:
- 155 Zê da Rosa da Figueira,
E o Fialho em Alfundão;
Em Mombeja éi o Quêtano
De Pero-guard' ô Selão.
- 156 Santa Victoria, santinha
Ervidel, San Julão,
Mombeja, Santa Suzana,
Bringel, Mãe da Concêção. (3)
- 157 Elvas pela manhã, Badajoz á tar-
de.

(1)—Revista Lusitana.

(2)—Idem.

(3)—Alcêas proximo de Beja.

158 Guarda tem 4 ff,
Feia, fria, forte e farta.

Publicacas por A. Pires, na *Sen-
tinella da Fronteira.*

159

O meu amor é d'Alvito,
Nascido nas adroêras, (4)
Da tanta volta na cama
Com' ôs péxes na rebêra.

160

Cidade de Portalegre,
Duas coizas tens em ti,
Uma éi a favrca das rôlhas,
Our' ô Senhor do Bomfim.

161

Aldeia de Vayamonte,
Lá no fundo moro eu;
Já não é d'onte' nem de hoje
Que o meu coração é teu.

162

Viv' ô ouro, viv' á prata,
Viv' á pedra do anel,
Viva quem tem sê's amores
Lá na villa de Souzel.

163

Campo Maior não tem sombra
Senã a que lhe vem do ceu.
Assenta l' aqui amori
A' sombra do mê chapéu.

164

Anda cá, mé bein amado,
Qu' é sem ti nã sô nenguem,
Fostes nascid' em Vallada,
Baltezad' em Santarem

165

Sou guarda do Frêxial,
Guardo á roda do Gôdiana,
Matei um pato real
c'uma spingarda de cana.

(4)—Aroeira. Cresce em grande quanti-
dade no districto de Beja, tornando-se algu-
mas arborecentes. Tenho ouvido pronunciar
darôera (agglutinação da preposição de).
Antonio Pires publicou adroêras. É' adôra
phase porque passou a palavra.

166

Quem canta é o Gaspar
Cá do terreno da Aldeia,
Fui á roça a Mamporcão
Lá p'rós lados da Galveia. (1)

167

Sou filhote d'Álamanha,
P'ra lá me querem lovari;
O juizo m'acompanha
Enquanto nã' variari.

168

O preto é rê' dos bixos.
Emparador dos macacos,
Que protesto fez o preto
De nunca usar sapatos.

169

Mulatinhas da Bahia
Foram-se lavar ó mar,
Dêxarom-nas aguas turvas,
Sendo ellas um chrystal.

170

Adês, cidade Loanda,
Fortaleza de panedro,
Adês, parentes e amigos,
Vou cumprir o mê degredo.

171

Aldeia de Sant'Olaia (2)
Lavada de vento norte,
Quem n'ella tiver amores
Não pode ter melhor sorte.

172

Aldeia de Sant'Olaia
Duas cósas te dã' graça
Teres a estação ó péi
E as casas novas na praça.

Ha muitas cantigas sobre Santa
Eulalia e outras terras, e outras re-
ferentes a montes, hortas e quintas
d'este concelho de Elvas publicadas
por Antonio Pires.

173

Adeus, ó cidade d'Elvas,
Cercado de cachos d'uvas,

Anda agora muito em moda;
Tir'ó cavallo da chuva.

174

A rua dos Cavalle'ros
No meio tem uma cova,
Onde vão as velhas todas
A fazer a synagoga.

175

Salvateira me desterra,
Já Elvas me dá calor.
Penho os olhos em Bemfica,
Lembra me Penamacôr.

176

O' agua da Godianna.
Quem na bebe está doente
O meu amor bebe d'ella,
Tem saude para sempre.

177

Adês quinta do Vêdori
Ladrihada ó invieis
Cando os coixos tem amôr's
Que fará quem tem dois péis.

178

O' fêra de S. Matheus,
Onde se vende pinhões;
And' agora muit' em moda
Gorros verdes á Camões.

179

Tiv' um amor n' A'tóguia,
Otr' á serra de eul-rei,
Este que agora tenho
Só por mort' o dêxarei.

180

Subi ó cé' p'r uma linha,
E descí por um retroz,
Fui passar á Calçadinha (3)
i'ra ir para Badajoz.

181

Já não quero ir a Abrantes
Nem por Abrantes passar.
Que as meninas de Abrantes
Não querem senão casar.

(1) Galveias. Dizem sempre 10 singular.

(2) Santa Eulalia concelho d'Elvas.

(3) Aldeia d'este concelho a oeste d'Elvas. E' uma ironia, muito empregada pelo povo, pois Badajoz fica a leste.

182

Para contradança Varge (4)
 Para Mariquita aldeia,
 No povo de S. Vicente
 Salto, pulo e cadeia.

183

S. Bertholomeu de pedra
 Lá detras dos Oliveas,
 Guardae a minha azetona
 Nã na comom nos pardaes.

184

O' altas torres de Mafra
 Mais altas sã nas janellas
 Tu amaste-me mangando
 Mas ê' dôxê-te deveras.

185

O' canna verde da India,
 Coberta de nó em nó,
 Uma ausencia custa muito,
 Eu por mim me julgo sô.

186

Bello monte da do Brito,
 Ao lado tem nma flor,
 As rosinhas que ella dêta
 Son nos ais do meu amôr.

187

O largo do Collegio (5)
 Dê-mo el-rê por sorte,
 Quem n'elle tomar amores
 Nã pode ter melhor sorte.

188

Minha mãe casou-uo em Braga,
 Na rua de S. João,
 C'uma moça triguêrinha,
 Pobre sim, honrada não.

189

Fui ó mar buscar um pê'xe,
 A Madri buscar canella,
 Fui ó jardim colher flôres
 Para fazer uma capella.

190

O' relojo da sê d'Elvas
 O' relojo da las onze;

(4) Varche. Freguezia rural d'Elvas.

(5) Em Elvas.

O meu amor da minh'alma
 Da minha vista'stã longe.

191

O' ladrã, que te vãs embora.
 Roubastes-m'o mê collête!
 Ê paguê nã devo nada
 A's mocinhas d'Alegrete.

192

Quatro villas tendes (6) Elvas
 Que vos cercam em redor:
 Villa Viços' Olivença
 Estremoz, Campo Maior.

193

Eu hê de m'ir ó Algarve,
 Hê-de lá 'star oito dias,
 Para cantar e balhar
 C'as bellas algarvias.

194

Aldeia da Casa-Branca, (1)
 No meio tem uma ponte,
 Por amor das raparigas
 Muito sapato se rompe.

195

Adê's villa de Ferrê'ra (2)
 Qu' è terra de providencia,
 Tem no mei' a 'strada nova (3)
 D'onde pass' á deligencia.

196

Sant' Antonio de Valverde,
 Vem a ver o que cá vae,
 Deu a gafê'ra nos homens
 Té o cabello lhe cae.

197

Canta, Carlos d'Almodovar,
 Atura lá esta massada,
 Tu cantas, ganhas denhêro,
 Ê canto nã garbo nada.

198

(6) Pouquissimas ve es é empregada a 2.^a pessoa dos verbos.

(1) Creio que se refere a uma aldeia do concelho de Souzel.

(2) Ferreira do Alentejo.

(3) Todas as estradas macadamizadas são chamadas *novas*.

D' Ervidel (4) o Manel Milho
D' A'lustrel (5) o Cara rôta,
De Messejan' á Sofia,
Como essa não ha outra.
199

Dos bairros e Zé Francisco,
Zé da Rosa da Figuêra,
O Rocha dos Gasparões.
O Viegas em Ferrêra.
200

Adê's, villa de Ferrêra
C'a sua 'strada real
Tamein a fonte dos bicos
Qu' é da terra a princepal.
201

Messejana o Zé Antonio
D' Ourique canta a Caraça,
Em Ferrêra o Viegas
Faz a obra com chalaça.
202

Se fôres á Vidiguêra
Prégunta por Marianna
Qu' é 'ma moça triguêrinha,
Que' até no cante tem famma (6)
203

Quem perdêu o qu' eu achêi
No caminho da Ponte Sôr,
Foi 'ma côsa de valia,
Os betões d'um lavrador.
204

Os arcos atrevesados (7)
San de pedra miudinha,
Pro báxo 'strada rial
Caminho da Ca'çadonha.
205

Bello monte (8) da Contenda
Dá vista á 'Begoaria;

(4) Concelho de Ferreira do Alentejo.

(5) Aljustrel.

(6) Escrevo *famma* para designar o a nasal, Sempre no Alentejo, diferentemente do norte, se nasaliza a vogal anterior ao m e n.

(7) Aqueducto d'Amoreira que atravessa a estrada junto a Elvas.

(8) Os casues das herdades chamam-se *montes*

Quem nã sôberi qu aprenda
Os termos da cortezia.
206

Nã quero Castell' de Vide
Qu' é terra de cardadores,
Quero a cidade d'Elvas,
Onde tenh' os mê's amôres.
207

Se quer's ver tafular a
Chega-t' a Campo Maior,
Lindas fontes d'agua fria,
Caras lindas com' ô sol
208

Ê sôu que foi a Rôma,
O' padre Santo fallei,
Sou o que p'r' amor d'amores
Pae e mãe tudo dêxei.
209

Meu amor êi algravio,
Pass' ás passas do Algarve,
Cando vem pr'ô Alentejo
Vende passinhas alarves.
210

O' Serpa, melhor das villas,
Tamein d'algumas cidades,
Quem me dêra lá ja ir-e,
Para matar as soidades.
211

Villa Veçosa me chama
Borba me diz nã' vá lá;
Nã' sé que faç' ô sentido (9)
Que tanta volta me dá.
212

Adê's, cidade de Beja,
Adê's quartel d' s soldados,
Onde vã' nas raparigas
Chorar pelos namorados.
213

O' Veja, terrível Veja,
Terra da minha desgracia,
Davon quatr' horas da tarde,
Cando m'assentaram p'aça.
214

(9) Sentido; synonymo de imaginação lembrança.

Se tu viras o qu' é vi-i
Lá no Rio de Janêro
Uma pulg' á bater sola
Na testa d'um sapatero.
215

Sant'Antonio de Terruge (1)
Venha ver o que cá vae
Anda a rabuge nas moças
Qu'até o cabello lhe cae.
216

Olhos pretos são gentios
São gentios de Guiné-i,
De Guiné por serem prê'os
Gentios por nã terem fê-i.
217

O' cidade de Coimbra,
Que fazes ós estudantes?
Sãem de casa uns santinhos
Vêem de lá uns tratantes.
218

O meu amor é de Alvito
Criado no areal,
Quem de mim fizer palito
Tem muito que falquejar.
219

Não ha sapatos qu'aturem,
Nem pernas que tanto andem,
Acompanh' uma salaia
De Loires ó Campo Grande.
220

Ês nascido e batisado
Nas cóvas de Montragil,
Os cabaços que teus livado
Anda pro catrecentos mil.
221

Eu hede t'amar amar,
Hade ser um dia, dia,
Cando hóver vagar, vagar,
O' rosa d'Alexandria.
222

De Hespanha vem o trigo,
De Santarem o azête,
Do Algarve veim o figo
A castanha d'Alegrete.

223

Fui ó mar buscar um pêxe
A Madril buscar arroz
Para dar ó meu amor i
Qu' é janota d'Estramoz. (2)

224

A minha terra é Liria
D'onde se faz o papel-i
O meu amor é Maria
E é chamo-me Manel.

225

Ê fui a Borba á vendima
E vim de lá vendimado
Os amôres d'uma dama
Me pozeron n'este estado.

226

Ê sô gânhão em Revelhos,
Em Revelhos sô gânhão
Lavro com dois bois vermelhos,
Que fazem tremer o chão.

227

Quem me dera que viesse
O meu amor d'Oliveça
P'ra m' ajudar a lovar
Esta cruz com paciença.

228

S' é sobêra Laureana
Que tu eras aifaiata
Mandava vir de Vianna
Agluha e d dal de prata.

229

O' rebêra de Pardaes,
Termo de Villa-Vicosa,
S' é tevera cabedaes
Cazava contigo, ó rosa.

230

Atinê c'uma azêtona
A's muralhas de Castella
Matei uma castelhana
Qu' estava de sentinella.

231

As grades do Limoêro
Sã sete qu'en as contei,

(1) Terragem, aldeia do crneelho d'Elvas

(2) Também dizem 'stramores.

Tres de ferro, três de bronze,
Uma d'ôro qu' é d'el-rei.

232

O' agua que vás correndo
De pedrinha em pedrinha,
Leva-m' água, esta carta
O' meu amôr da Barquinha.

233

Ê tenh' uma casa em Tancos.
Alicerces na Marinha,
As paredes em Alverca,
E os telhados na Barquinha.

234

S' o mar tivera varandas
Ia-te ver ó Brazil.
Como o mar nã tem varandas
Dize-m', amôr, onde hêd' ir.

PERLENGA

Era não era

Uma vez era um era não era,
Andava lavrando na serra
Com um boi Carrapato
E outro Calhandro.

Veio-lhe noticia que seu pac que era morto

E a sua mãe que ia a enterrar:

Prantou os bois às costas

E o arado a pastar.

Foi lá a baixo.

Achou um ninho de cartaxo,

Foi à porta d'um oiteiro,

Logo viu um cavallê'ro

Carregado d'avelãs

E ameixas temporãs

E anozes barrigudas.

Foi á vinha e encheu a barriga d'uvas

Vem de lá o dono dos marmellos

O sê ladrão, você esta-me a comer

nos meus figos.

Qu' o mê pae tem para dar ós mês amigos!

Os homens entrarão de rezão em rezão.

Atirou-me com um pepino e acertam-

me com um me ão.

Mesmo perto d'um artelho
Que, correu sangue até ao joelho

Ai minha perna, ai minha mão.

Colhido na Cuba (Beja)

Decimas

Mote

Fez sabbado quinta feira
P'ra lá d'Ev'ra tres semanas
Estive dez annos n'um verão
Lá nas Amer'cas romanas.

Glosa

Embarquei em dois 'caleros
Na bahia de Lesbôa,
Arrebi e fui dar a Gôa,
Desembarquei em Alimquer's.
Casê com sete mulher's,
Falta uma p'rá primêra.
Fui dar a Ilha Tercêra,
Tive tres dias n'uma hora,
Abali e vim-me embora
Fez sabbado quinta fêra.

Agarri nos alforghinhos,
Puz um pão em 4 enxacas,
Uma gamella com 2 vaccas,
Uma borracha com toucinho,
Uma açafata com vinho,
Trintas metros de bananna.
Dei passos á Americana
Fui passar a Ayamonte.
Abali hoje, cheguei honte
Pr'a lá d'Ev'ra tres semanas.

Eu já 'stive em Era-pouca
N'uma ôcharia empregado,
Sumiu-se-me um carro carregado
Dentro d'ama abobra canôca,
Um mosquito c'um boi na boca
Cem leguas em propoção.
Ateri-le um hofetão
Que pelo ar o fiz ir.
A 'spera d'elle cahir
Tive dez annos no verão.

Fui soldado, assenti praça
 No 15 de sepadores,
 Machenista de vapores
 Na carrêra d'Alcobaça,
 Venci o forte da Graça,
 Também a villa de Trena.
 E as províncias arraianas;
 Venci todá nobrezia,
 Bati-me com a Turquia
 Lá nas Amer'cas romanas.

Mote

Esta nôte que ha-de vir
 Foram-m'os ladrões ó monte,
 Roubaram-m' o que ê' não tinha
 Puxaram-me fogo á fonte.

Glosa

Quem se avezou a rôbos
 Rôba tudo quanto acha.
 Já me rôbaram-n'a casa
 Donde cozia o jantar;
 Está um rôbo d'admirar,
 Estava a ver, pegui-m'a rir,
 Estava acordad' a durmir,
 Ouvi rasmalhar um ôvo,
 Foram fazer este rôbo
 Esta nôte que ha-de vir.

Roubaram-me um conto de mel,
 Quatro canastras d'azete,
 Roubaram-me um sacco de lête
 E umas calças de papel.
 Dêxaram-me sem reele,
 Inda mi he-d'ir quexar honte.
 De rôbos ninguem me conte
 Que eu d'esta não fiquê bem:
 A 4 do mez que vem
 Foram m'os ladrões ó monte.

Robaram-me um coiro de batatas,
 Uma gorpelha de vinagre,
 Ê um rôbo que todos sabem,
 Ninguem m'encobre estas faltas.
 Rôbaram-me umas casas altas,

Um garrafão de sardinbas,
 Roubaram-m'as visinhas
 Um cesto velho sem azas,
 Foram-me ás minhas cazas
 Levaram-me o que eu nã tinha.

Roubaram-me uma espingarda nova
 Sem conce nem fecharia,
 O cane não no trazia
 Porque era destas da moda,
 Lá no campo de manobra
 Aond' eu soffri o desçonto
 Alimentí o mê pranto
 Que desgraça a qu'êi a minha
 Assim como nada tinha
 Puxaram-me fogo á fonte.

Cantigas

Tenho sete par's de calças,
 Todas 7 me estã bem;
 Todas fechadas á chave
 Em casa de quem nas tem.

Tenho 7 pares de calças,
 Todas 7 de cutim,
 Umas fechadas á chave
 E outras qu' iuda nã compri.

Recolhidos em Ferreira do Alentejo.

ADIVINHAÇÕES

A formula que antecede todas as adivinhações é:

Qu'ê aquillo, qu'ê aquillo...

1

Poço fundo baraço curto: sem ser dobrado não chega.

(A bocca, á qual o braço para chegar tem de dobrar-se).

2

O que é aquillo que em tudo se põe!

(O nome).

3

Alto está, alto mora:
Todos o vêem ninguem o adora.
(E' um sino).

4

Redondinho. redondinho
Como a pedra do moinho.
(E' um queijinho).

5

Branco é, gallinha o põe.
(Ovo. Diz-se por chalaça, e já
passa em proverbio para significar
uma coisa facil).

6

E' do tamanho d'uma bolota,
E enche a casa até á porta.
(E' a luz da candeia).

7

O que é aquillo que para servir
hade estar no meio da casa.
(E' um botão).

8

O que é aquillo que, quanto
maior é, menos se vê?
(E' o escuro)

9

O que é aquillo que, quanto mais
tem, menos peza?
(É uma paueilla com buracos).

10

Sou femca de nascença,
Macho me fazem ser;
Eu lhe juro e prometto
De femca tornar a ser.
(Sal)

11

Pansa com pansa,
C'um palmo de carne se lhe faz
a dansa.
(Guitarra).

12

Um gigante com 12 filhos. de ca-
da filho tem 30 netos, metade bran-
cos, metade pretos.
(Anno).

13

Vae ó mato deixa a estaca e traz
o buraco.
(Quem vae descarregar a natu-
reza).

14

Cro, co, co. Vai pôr á palha.
Gallinha. Tambem se diz por
chalaça, respondendo-se pelo carna-
val uma pulha a quem acerta: m...
para quem tanto adivinha).

15

Cem damas o'um quintal.
Todas cem a mijar em par.
(As beiras do telhado.)

16

Verde no campo, verde na praça,
encarnado em casa.
(Melancia).

17

Estando uma prenha preuhada,
Chega o macho ó pé d'ella,
Fica a prenha desprenhada,
Fica o macho prenho d'ella.
(Borracha de vinho.)

18

Em casa está calado
Vae ó mato dá um berro.
(Machado.)

19

Sóbe outeiros e desce outeiros,
sempre c'um bocado de carne na bo-
ca.
(Sapato.)

20

Tem dentes
e não come,
tem barbas
e não é homem.
(Alho.)

21

Tem dentes e não come;
Tira que é p'ra não comer a gente.
(Pente.)

22

Desce outeiros e sóbe outeiros, e

está sempre no mesmo sitio.

(Estrada)

23

Sobre pinho linho,
Em cima flores,
De roda amores,
Por baixo algozes.

(Meza posta, comidas convivas
e cães.)

24

Estando o durme-durme
debaixo do pende-pende,
Veio o côrre-côrre
Pra matar o durme durme.
Cae o pende-pende em cima
do durme-durme; acorda
o durme-durme e mata
o côrre-côrre.

(Um homem, despertado por uma
pêra, que cabiu d'uma pereira sob
que estava a dormir, mata uma co-
bra que ia para o atacar.)

25

Quatro andantes
Quatro mammantes
e um tapante
E dois apontantes.

(Uma vacca com 4 pés, 4 ube-
res, 1 cauda e 2 pontas.)

26

Uma caixa de barro com
uma tampa de carne: o
que está lá dentro?

(E' o *pot de chambre* em servi-
ço.)

27

Cae seja lá onde fôr e não se
quebra, em caindo na agua quebra se.
(Papel.)

28

Cabe numa mão, e não cabe
n'um caixão.

(Um pau.)

29

O que é aquillo que pede licença
ao c. para entrar?

(E' o coentro).

30

Tem dentes e não come, tem per-
nas e não anda, tem c'roa e não diz
missa.

(E' uma trempe.)

31

Cinco arados e uma araveca, a
terra é branca e a semente é preta.
(A penna com os cinco dedos es-
crevendo em papel branco).

32

Fui ó mato, trusse madêra fiz
uma meza e uma taboa de tender e
um copo para beber.

(A boleta: as metades são a me-
za e a taboa e o *carapulo* o copo.)

33

N'uma cova funda e estrêta
Uma bixa está mettida.

Quando vae fazer mal,
Deixa a pelle e vae despida.

(Espada que sae da bainha).

34

Quando o ceu se cobre de flores
e os mortos tapam os vivos então
é que a gente se encosta.

(São as estrellas que começam
a brilhar no ceu, tapa-se o lume com
a cinza e vae-se a gente deitar.)

35

Cinco damas n'uma rua

Quatro andam vestidas

E uma só nua.

(E a meja com as 5 agulhas)

36

Qual é o mez em que a mulher
não se rende nem a preto nem a
branco?

(E' o do S. Matheus, em que,
quando andam na vindima, ora vêem
um cacho preto, ora um branco e
comem sempre).

37

E' com'um folle,

N'umas partes duro d'outras molle,

E' terrestre e é meirinho,
Duro no lombo, macio no focinho.
(Kagado).

O que é aquillo que bate o pae
na mãe para os filhos nascerem?
(E' o fusil, pederneira e faiscas).

39

Verde esverdinhado, entre as
pernas apertado.

(Vassoura para varrer o forno).

40

Toda a vida a andar, nunca che-
ga á porta do dono.

(Mô do Moinho).

41

Sou um mundo sem gente,
Figuro em qualquer trabalho.

Umaz vezes não sou nada,

Outras vezes muito balho.

Eu entro no purgatorio,

Tambem vou ao inferno;

Entrada tenho no céu.

Estou ao lado do Eterno.

Os anjos de mim dependem

Os virtuosos e santos

E no mundo sem sêr aranha

Tambem ando pelos cantos.

(E' a letra o.)

42

Uma dama vi caminhar

Por onde ninguem caminha.

Ella se encostava a um mancebo
que tinha

Encostava se de geito,

Dava passos mil iguaes,

Porque elle em si tinha

Infinitos signaes.

(E' uma agulha de coser.)

43

Somos muitos irmãos

Espalhados pelo mundo;

Nem todos temos cabeça,

Nem todos mostramos fundo.

Os homens de nós se servem,

As mulheres nos procuram.

E em paga de as ajudamos

Nos deixam quando nos furão.

Sem sermos carapuças,

Ou chapens de enfeitar

Nos põem na cabeça

Por sêr o nosso logar.

(E' o didal.)

44

Somos dois irmãos,

Ambos d'uma mãe nascidos,

Ambos eguaes nos vestimos,

Deseguaes na contricção.

Meu irmão por sêr melhor christão

De todos é cubigado,

Até dos musicos da capella;

Mas eu não posso temperar

Como elle tempera

(E' o vinagre com o vinho.)

45

Eu entro em toda a casa,

Com gente me desespero;

Como com el rei á meza,

D'aquelles pratos que quero

Seja a moça mais formosa,

Mais pobre, mais abastada

Mesmo deante de todos

Por mim hade ser beijada.

(E' a mosca.)

46

Já fui um pobre da rua,

Posto em miseria tal,

Que andei pe'os pés de todos

Com desprezo e sem real

Houve quem d'esta penuria

Benigno me levantou:

Deu-me a mão tão felizmente.

Que o mesmo que era não sou.

Abonou-me no commercio,

Reputou me tão verdadeiro.

Que já tenho em meu poder

Grandes sommas de dinheiro.

(E' o papel.)

47

Sou bastantemente rija,

Com muitos olhos formada;

Ainda que m'os tapem á força

de pancada

N'esta noite com que pena
Te lembrás do teu logar!

Pobre moça cá da aldeia,
Que serves lá na cidade:
Esta noite é de esperanças
Não morras de saudade.

As freiras cantam no coro,
As cachopas no serão;
Cantam as moças e velhas
Na noite de San João.

(Do *Noticias de Alcobaca*, n.º 531, de 19
de Junho de 1910).

S. João é festejado
Por todo o mundo em geral
Entre todos os mais santos
Nenhum ha que seja igual.

S. João adormeceu
Aos pés da Virgem Maria
Accorda, João, accorda,
Que chega hoje o teu dia.

S. João á minha porta
E eu não tenho que lhe dar
Dou-lhe este ramo de cravos
Para pôr no seu altar.

No altar de S. João
Só ficaram nove rosas
Tres brancas, tres amarellas
Tres encarnadas formosas.

O S. João da Figueira
Não tem vellas no altar,
Se o santo me casar cedo
Sou eu que lh'as vou levar.

Na noite de S. João
Vamos todas ao terreiro:
Venham pequenas e grandes,
Toda a palha faz palheiro.

S. João adormeceu
Debaixo da lorangeira,
Cobriu-se todo de flôres,
S. João que bem que cheira.

Abaixai-vos, carvalheiras,
Com a rama para o chão;
Deixai passar as romieiras
Que vão para o S. João.

S. João perdeu a capa
No meio do seu jardim:
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de setim:

Oh S. João d'onde vindes
Pela manhã orvalhado?
—Venho do rio Jordão
De fazer um baptisado.

S. João me prometteu
De me dar um bom marido
Vou-lhe lembrar a promessa
Pois o santo é esquecido.

Casae, rapazes, casae,
Que as noivas baratas são:
Cada tres por um vintem
Na noite de S. João.

O S. João vem do ceu
Quem o traz são os anjinhos:
São guiados por estrellas
Que lhe ensinam os caminhos.

Sempre fico destapada.
 Corro por frios e calmas,
 E até me trazem nas palmas,
 E' se desamparo o posto,
 E me tornam a apanhar,
 A' força de pancadas
 Me tornam ao mesmo lugar.
 (E' a ferradura.)

48

Das côres o verde mar,
 Duas cobras dizendo *mé*
 Dois musicos cantando solfa di-
 zendo *lã*
 E dois rapazes jogando o socco
 dizendo *dã*
 (E' a marmellada.)

49

Mal que me sentem no mundo
 Sou por varias mãos massado;
 Depois lançam-me entre ferros
 Para sêr mais martyrisado;
 Falsos amigos me buscam
 Para tyrannas insolencias;
 Armam-me meíadas e redes,
 Com que perco a paciencia;
 Depois, compadecidos
 Dos trabalhos que soffri,
 Todos me offerecem a casa
 E me chegam para si.
 (E' o linho.)

50

Uma mãe com sete filhas
 Cinco justas, uma santa
 E outra com falta.
 (E' a quaresma.)

51

E rez
 E não é rez;
 E mó
 E não é mó
 E' ninho
 E não é ninho.
 (E' o resmaninho.)

52

Compadrê! Se eu te der uma ove-
 lha das minhas, ficas tu com o dobro

das minhas; e se tu me deres uma fi-
 camos eguaes.

(O primeiro tinha 5 ovelhas e o
 segundo sete.)

Soeiro de Brito.

(Copia de diversos numeros do bi-sema-
 nario, de Elvas—*O Elvense*—de 1890-1891,
 onde pela primeira vez foi publicado.)

Nota da redacção.



CANÇÕES POPULARES A S. JOÃO

—*—

San João adormeceu
 A' sombra das lrangeiras;
 Ficaram bentas as flores;
 Batam palmas as solteiras.

San João achou as rosas
 Com os cravos desposadas
 E deitou-lhes logo a benção;
 Batam palmas as casadas.

San João adormeceu
 De cançado, no caminho,
 E ficou fazendo guarda
 A seus pés, o cordeirinho.

San João baptisou Christo
 Nas correntes de agua a pura;
 E' santa a agua que corre
 Enquanto esta noite dura.

Brazileiro, brasileiro,
 Que nasceste em Portugal:
 Quanto deras n'esta noite
 Por ver a terra natal!

Marujinho que navegas
 Ao longo do bravo mar:

O S. João da Figueira
Vive mesmo ao pé do mar;
Por traz da sua capella
Anda a sardinha a saltar.

S. João baptisou Christo
Christo baptisa João;
Ambos foram baptisados
Dentro do rio Jordão.

Todas as hérvas são bentas
Na manhã de S. João:
Só o trevo, coitadinho,
Fica de rastos no chão.

Chamaste-me carvoeira,
Eu nunca vendi carvão:
Ainda me has-de ver dançar
Na noite de S. João.

Baila o sol e canta a lua
Na manhã de S. João:
Vou-me embora d'esta terra
Cá me fica o coração.

Hei-de deixar ao relento
Uma folha de figueira:
Se S. João a orvalhar,
Hei-de encontrar quem me queira.

Casararam já tres Marias
Na manhã de S. João:
Eu tambem hei de casar
Mas por ora inda não.

S. João de Deus amado,
Meu santo de Deus querido,
Despachae a minha sorte
N'este copinho de vidro.

Onde estará S. João,
Que não o vejo na egraja?
— Anda a correr as fogueiras
Para ver quem o festeja.

Na noite de S. João
Deixae a agua ao relento:
Amassae com ella o pão
Já não precisa fermento.

(Das *Cantigas populares a S. João*, folheto publicado na Figueira da Foz em 1905.)

Fogueiras de S. João
São luzinhas a brilhar,
Hei-de-me queimar, Maria,
Na luz desse teu olhar.

Os abraços são biscoitos;
Os beijinhos são de mel,
Com abraços e beijinhos
Heide arranjar um farnel.

Videira, dá-me os abraços,
Prende a minha namorada;
S. João deu-me com ella
Não m'a deixa socegada.

Não olhes para esses olhos,
Não namores as romeiras,
Mais queimam os olhos tristes
Do que o lume das fogueiras.

Andas tão desmaiadinha,
Andas tão falta de cor! . . .
= Foi o orvalho da noite,
Foram beijinhos d'amor.

Rapases por alcachofras
Não vos torneis a guiar;
Por causa duma alcachofra
Ando eu aqui a penar.

Vira e volta, vae passando,
Volta-te e torna a virar;
Milagreiro S. João,
Vê se me podes casar.

De Santos Pinto, idem.

FOLK-LORE

17

(Continuado de pag. 80, vol XVII)

Vinho, vento na noite de
S. Vicente Ferreira

Se, na noite de S. Vicente Ferreira, o vento ficar de montanha, haverá bom anno de vinho.

Parece limitar-se a Guimarães. O vento da montanha é o da Penha, vento éste.

(S.)

18

«Assim como *quinta* pinta;
Assim como pinta trinta.»

Quer dizer: o mez correrá segundo os indícios do 5.º dia, quanto a sol ou a chuva.

(S.)—Pavoa de Varzim, Lamego, interior do Minho.

Em Guimarães diz-se:

«Onde *quinta*, d'ahi trinta,
Se aos nove não *desquinta*.»

Aqui exige-se mais que o nono dia do mez não dê indícios contrarios aos do quinto.

19

A Senhora da Luz chora—inverno fôra.

A Senhora da Luz ri—inverno para vir.

(S.)

Adivinhas

1

Antre as flôres fui nascida
e nunca fui pretendida;
agora que sou velha encurricada
é que sou procurada.

—Maçã.—

2

Venho aqui
por uma aposta,
por uma aposta
venho aqui.
Barrete vermelho,
salta p'ra ali.

—Macaco.—

3

Repiquinho, repicanço, o vento)
leva a folha e deixa o *manço*.

—Linho—

4

Branca larada
que vac pela estrada,
não come nem bebe
nem paga obrada.

—Teia.—

5

Oito batem á calçada,
quatro olham para o cen,
um toca o *cherandéo*,
outro endireita a cambullhada.

—Uma junta de bois é o lavrador.—

6

Um coz que não tem coz.
nem azas, nem c. . . , nem b'co,
e depois do *recontico*
tem azas e c. . . e bico?

—Ovo.—

7

Qual é, qual é
o marco de meio mundo,
que tanta distancia tem
de si para o alto,
como de si para o fundo?

—Umbigo.—

8

Entre tabua e vallado
Stá um boi arrebetado.

—O pão na maceira.—

9

O seu filho «triconico»
 não tem pé, nem c...nem bico;
 e o seu filho «triconico»
 tem pé, tem c...e tem bico.

—Ovo.—

10

Que é, que é
 que tanto na antiga
 como na moderna era,
 antes de o ser já o era?

—Pescada.—

11

Um negritates
 em cima d'uns curribitates,
 dá-lhe o bermilhates,
 no c...lhe bates.

—Um tacho n'uma trempe.—

12

Que é, que é
 tem um palmo de pescoço,
 tem barriga e não tem osso?

—Garrafa.—

13

Campo grande,
 boi formoso,
 vacca preta,
 cão raivoso. (1)

—O mundo, o sol, a noite e o vento.—

14

De verde vestido,
 de branco calçado,
 cabelleira azul,
 chapéo embicado.

—Linho—

15

Altas torres,
 formosas janellas
 que abrem e fecham
 sem se tocar n'ellas.

—Os olhos—

1 Cf. *Tradições populares*, L.
 de Vasconcellos, n.º 56.

16

O que são seis irmãos
 que todos vão á feira
 e só um não?

—Os dias da semana.—

Os números marcados com (S.)
 foram communicados pelo sr. F.
 Martins Sarmento.

D. Luiz de Castro.

Cançãoeiro da Figueira

I

O' olhos da minha cara,
 não olheis para ninguem;
 já que perdestes a graça
 perdi a vista tambem.

2

Se te eu quizesse dar pênas,
 ao mundo dar que falar,
 ia-te eu ver ao ribeiro
 onde estavas a lavar.

3

O' amor vai e vem logo
 a' vinda vem por aqui,
 que eu abaixarei meus olhos
 jurarei que te não vi.

4

Dei um ai tremeu a terra
 cahiu a flôr do sargaço;
 não faças caso de mim
 que eu de tí caso não faço.

5

Eu amava-te, menina
 se tu fosses sem senão:
 mas és pia de agua benta
 onde todos põem a mão.

6

Esta rua tem pedrinhas
 esta rua pedras tem:
 das pedras não quero nada,
 da rua quero alguem.

7

Fui ao Doiro á vindima
 não achei que vindimar;
 vindimaram-me as costellas,
 olha o que eu lá fui ganhar!

8

Toca-me nessa viôla
 vê se a fazes retenir;
 tenho o meu amor ausente
 vê se mo fazes cá vir.

9

Janellas sobre janellas
 postigos rentes ao chão;
 carinhos, quantos quizeres,
 mas casar contigo, não.

10

Nem meu pai, nem minha mãe
 nem o proprio confessor,
 já me tiram do sentido
 de falar ao meu amor

11

Vai-te embóra, vai-te embóra
 já tu te tiveras ido;
 se te lóras ha mais tempo
 já me tinhas esquecido.

12

Menina que anda na vinha
 dê-me um cacho, vou lá, 'lém;
 antes que elle fôsse verde
 da sua mão sabe bem.

13

Menina que anda na vinha,
 dê-me um cacho *aboal*, (1)
 que eu lhe darei um bastardo
 quando meu pai vindimar.

14

Menina que anda na vinha
 dê-me um cachinho alvar. (1)
 que eu lhe darei um arinto (2)
 quando meu pae vindimar.

15

Dá-me da pêra madura
 da maçan uma talhada;

(1) Variedade de uvas [*boal*].

(1) e (2) Vid. nota ant.

da tua bôca um beijinho,
 do resto não quero nadal

16

Que lindo luar que fás
 p'ra ir apanhar maçans!
 quem me déra de apanhar
 uma daquellas immans!

17

Mangerico recortado
 a' roda do chalariz;
 não digas que me deixáste,
 fui eu a que te não quis!

18

Cantigas são cantiguinhas,
 palavras leva-as o vento;
 quem bota mão por cantigas
 tem fraco entendimento.

19

Menina, se sabe lêr
 leia no meu coração;
 dentro d'elle ha de achar
 se lhe quero bem, se não.

20

Herva cidreira do monte
 e' regálo dos pastores;
 deitam o gado a ella
 e vão ver os seus amores.

21

Tendes olhos, compraes olhos
 que bella mercadoría!
 compraí-me tambem os meus
 para a vossa companhia.

22

Eu fui á figueira aos figos
 andei de ramo em ramo;
 fui ao céu buscar amores
 que os da terra são ingano.

23

Se tu visses o que eu vi
 a' porta do Guimarães!
 uma cadella com pintos
 e uma gallinha com cães!

24

Se tu visses o que eu vi
 fugias como eu fugi;

uma cbra a tirar agua
para regar um jardim.

25

A'manhan, se Deus quisér,
domingo, se não chover,
hei-de ir vr o meu amor
se a ribeira não encher.

26

Esta noite  meia noite
senti cantar  perdez;
inda fui durmir um somno
nos braços de quem eu quis.

27

Eu passei o mar a nado
nas ondas do teu cabllo;
agora posso dizer
que passei o mar sem mêdo.

28

O' meu amor, meu amor,
minha primeira affeico,
has de ser o oratorio
onde eu faço a oração.

29

Os meus primeiros amores
mandei-os ao rosmaninho;
estes que eu agora tenho
vo pelo mesmo caminho.

30

Meu coração está fechado
está fechado e não se abre;
foi-se embóra o dno delle,
não está c, levou a chave.

31

Toda a vida desejei
o meu amor Manoel;
agora tenho-o na mão
cahiu-me a spa no mel.

32

Chamáste-me amor-perfeito
coisa que a terra não cria;
amor perfeito é Deus (ou Jesus)
filho da Virgem Maria.

33

Eu hei de me ir assentar
no circo que leva a lua,

para ver o meu amor
as vóltas que dá na rua.

34

Eu hei de me ir assentar
no circo que a lua leva,
só para ver passear
o meu amor nesta terra.

35

Quem me dra uma lima
para limar a garganta,
para cantar cm'  rla!
Com'  rla ninguem canta!

36

D-me uma pinga de vinho
para lavar a garganta,
para cantar com'  rla!
com'  rla ninguem canta!

37

Inda su quem era dantes
inda sigo os mesmos passos;
quando passo  tua rua
as pedras p'ra mim são laços.

38

Triste de mim, triste seja
quem triste me fs andar;
inda mais triste se veja
do que a noite sem luar.

39

Quando passares por mim
baixa os olhos p'ra me vr;
podêmos andar de amores
sem ninguem o perceber.

40

Já cortei o meu cabelo
já lá vai a minha gala;
a culpa tive-a eu
deixsse falar quem fala!

41

Coitadinho de quem tem
seus amores além do ro;
vai para passar, não pde,
do coração fs navio.

42

Quem quisér que eu canto bent
da-me vinho ou dinheiro;

que esta minha gargantinha
não na fez nenhum ferreiro.

43

Não quero que me dê nada
nem eu t'ò quero aceitar,
porque eu sempre ouvi dizer
quem aceita que ha de dar.

44

Passei pela oliveira
cinco folhas lhe apanhei
cinco sentidos que eu tinha
todos em ti empreguei.

45

Escrevêra-te uma carta
co sangue da minhas veias;
mas depois arrependi-me;
— meu sangue por mãos alheias!

46

Quem quisér ouvir cantar
vá ás grades da cadeia;
ouvirá cantar os prêsos
a's escuras, sem candeia.

47

Não quero saía de chita
que me hão de chamar «senhora»
quero saia de baêta,
que é trajò de lavradora.

48

Toda a vida desejei
ter amores na cidade;
agora já os cá tenho
já me Deus fêz a vontade.

49

Por esta rua andarei
pela outra darei vólta;
aqui móra o meu amor
mas eu não lhe sei a porta.

50

Menina, por ser bonita,
não cuide que mais meréce;
quanto mais linda é a rosa
mais depressa desvanéce.

51

Que tendes no pucarinho
menina, que tão bem cheira?

— são as lagrimas do amor
que se vai segunda-feira.

52

Já lá vai pelo mar dentro
quem me tirava o chapéu;
deus o leve, Deus o traga
com'ás estrêllas do céu.

53

Já lá vai pelo mar dentro
a folhinha da ortíga;
já perdi o norte á terra
e o amor á rapariga.

54

Hei de comprar um véu preto
para cobrir o meu rosto,
para que nenhum rapaz
nos meus olhos faça gòsto.

55

Da janélla de meu pai
vejo eu a de meti sôgro;
não é pelo pai que chóro,
é pelo filho que eu môro.

56

Não *cortaes* o bico á rôla,
as azas ao papagaio;
hei de a livrar, menina,
das orvalhadas de maio.

57

Dêste-me a comer alface,
logo me dêste verdura;
logo o meu coração disse:
é amor de pouca dura!

58

A pedra caíu na agua
logo se encheu de flôres;
agora posso dizer
que a bêber tomei amores.

59

Passo uma vida cruel
por tê-la mulher bonita;
não posso saír de casa
sem a prender c'uma fita.

60

As telhas do teu telhado
sao vermelhas, tem virtude;

passei por ellas doente
logo me déram saúde.

61

As pedras da tua rua
são pedrinhas de virtude;
quando lá passo doente
fico logo com saúde.

62

Trago na minha algibeira
um canivete doirado,
para partir bôlo dôce
no dia do teu noivado.

63

Meu amor está doente
numa caminha de flôres;
nosso Senhor o melhôre
e lhe tire aquellas dôres.

64

Se tu me quiséras bem
da raiz do coração,
tu me viéras falar
que as noites bem grandes são.

65

Eu tenho raivas ao norte
que me desfôlha o meu cravo;
tenho raivas a mim mesmo
por não ser do teu agrado.

66

O diabo leve os homens
todos numa voaceira (1);
aquelle que hade ser meu
esse vá na dianteira.

67

O caracol é vadio,
é vadio por que quere;
é com' o rapaz solteiro
emquanto não tem mulher.

68

A castanha no ouriço
está o tempo que ella quere;
é como o rapaz solteiro
emquanto não tem mulher.

(1) Deve ser synónimo de ventania, tufão.

69

Hei de me ir para o Brazil
casar c'uma brazileira,
já que não ha nesta terra
rapariga que me queira.

70

Eu hei de te amar aos dias,
aos dias e ás semanas;
á noite durmimos ambos
por não fazer duas camas.

71

Tanto *didal*, tanto anel,
tanto agulheiro de prata;
tanta bêsta (ou asno) pelo mtundo
e a palha sem estar baratal

72

Por cima do meu craveiro
orvalhou a bella aurora;
eu acho que é toleima
repr'ender a quem namóra.

73

Aquí tens meu coração,
mais chave p'ro abrir;
não tenho mais que te dar
nem tu mais que me pedir.

74

Menina do lenço preto
dos olhos da mesma côr:
diga a seu pai que a case
que eu serei o seu amor.

75

O' ingrata, qu'eu já sei
quem logrou os teus carinhos!
deixa estar que eu to direi
quando estivermos sósinhos.

76

Tenho um ninho de pantufos
no quintal da minha avó;
morreram os pantufinhos
ficou a pantufa só.

77

Fui ao jardim passear
esconder a minha pêna;
encontrei o teu retrato
na mais formôsa assucêna.

78

Ando por aqui de noite
podendo de dia andar;
ando a fazer o alquêve
para outro semear.

79

O' arvoredado fechado
não digas que eu aqui vim;
não quero que o amor saiba
novas nem parte de mim.

80

O' viôla tôca, tôca,
ó sinos dobrai, dobrai;
ainda esta noite hei de ir
roubar uma filha ao pai.

81

Fôste dizer mal de mim
ao rapaz que me namôra;
se dantes me queria bem,
muito mais me quiere agora.

82

Toda a mulher que se casa
grande castigo merêce;
deixa seu pai, sua mãe,
vai amar quem não conhece.

83

Fás calma que arráza o mundo,
senhor, mandai viração;
anda o meu amor a ella
que é fraco de *compreição*.

84

Toda esta noite rondei
á roda da varandinha;
não achei quem procurava,
triste ronda foi a minh'al

85

Ha silvas que dão amôras,
ha outras que as não dão;
tambem ha amôres que são firmes,
ha outros que o não são.

86

Quem fala de mim, quem fala,
quem fala de mim, quem é?
quem não é capás de ser
sapato para o meu pé?

87

Se me queres dá-l-a rosa
dá-ma enquanto é botão;
que aberta logo se esfólha,
fechada sempre tem mão.

88

Manoel abraçou Anna,
que eu bem o vi abraçar;
coisa que os meus olhos viram
ninguem a pôde negar.

89

Eu bem vi o girasól
ao passar duma ribeira;
já não vejo girasól
nem amor que bem me queira.

90

O sete-estrello vai alto,
já está para amanhecer;
vou-me embóra, meu amor,
que me pôdem conhecer.

91

O sete-estrello vai alto,
mais alto vai o luar;
mais alto vai a ventura
que Deus tem para nos dar.

92

O cravo depois de sêcco
logo fica, amôr perdido;
eu bem quero, mas não posso
tirar de ti o sentido.

93

O ciprêste vai p'ró ar
manjerona em terra fica;
não sei que amôr é o teu
que tanto me mortifica.

94

As estrellas do céu correm
todas numa carreirinha;
tambem a ventura corre
da mão de Deus (ou Da tua mão)
para a minha.

95

Que lindo botão de rosa
aquella roseira tem!
debaixo ninguem lhe chega,
acima não vai ninguem (1)!

96

Eu hei de me ir afogar
num pôço de cobras vivas;
que eu não posso sustentar
saúdades tão activas.

97

Ai de mim que já não posso
cantar como já cantei;
bebi a graúma ao tójo
até de falla mudei!

98

Já lá vai o dia de hontem
e o de hoje vai andando,
mas agora o de amanha
é que eu estou arreceiando.

99

Minha Mãe do Céu valei-me,
que a da terra nada pôde;
a do céu está sempre viva,
a da terra logo morre.

100

Eu hei de te amar, amar,
eu hei de te querer bem;
hei de te ir tirar de casa
sem no saber tua mãe.

101

Estou parado á tua porta
como o feixinho da lenha,
á espéra da resposta
que da tua mão me venha!

102

Minha mãe, p'ra me eu casar
prometteu-me tres ovelhas:
uma céga, outra manca,
outra musga e sem orelhas.

103

O' ingrata, eu já vi
tua soberba abatida:
inda espéro de ver mais
se me não faltar a vida.

(1) Costuma-se cantar galhofeira-
mente esta quadra, substituindo o
ultimo verso por este:

O' Maria, traz cá a escadal

104

Deita-me de lá os olhos
debaixo dessa latada;
inda que meu pai não queira
minha palavra está dada.

105

O tocador da viôla
precisa duma gravata;
hei de lha mandar fazer
do rabo da minha gata (1).

106

Os olhos do meu amor
são delicados em tudo:
são pretos com' uma amóra
macios como velludo.

107

Se eu fôr na domingo á missa
não venhas comigo, não;
nem eu réso, nem tu rezas,
não posso dar-te attenção.

108

Eu hei de me ir a pedir
só á tua porta não;
não quero que o mundo diga
que te trago de feição.

109

O' menina, lá lhe fica
o sol pôsto no quintal;
é bom que todos a busquem
onde o sol a vai buscar.

110

Assubi ao aciprêste,
cheguei ao meio, cahi;
quem quisér tomar amores,
assuba, que eu já descí.

111

O annel que tu me déste
anda-me aos saltos no dèdo;
se tu me quiséras bem
o annel estivéra quèdo.

112

Maria, linda Maria,
só tu és o meu amor;
só tu entras no meu peito
se tua vontade fôr.

(1) Cantigas de despique de desafio'

113

Eu hei de mandar fazer,
ou fazer por minha mão,
uma chave pequenina
p'ra fechar meu coração.

114

Eu hei de mandar fazer
—que não pôsso fazer tudo—
um vaso de paciencia
para viver neste mundo.

115

Já lá no monte cáí neve,
caíu a flôr ao sargaço;
não faças conta comigo
que eu contigo não n-a faço.

116

Eu quando nasci chorava,
chorava por ter nascido;
parece que adivinhava
que andava o mundo perdido.

117

Pilriteiro que dás pilrítos:
porque não dás coisa boa?
Cada qual dá o que tem
confôrme a sua pessôa.

118

Duma fala que te dei
logo te fôste gabar:
pela bôca mórre o peixe,
bem te pudéras calar!

119

O' acipréste do valle
retiro da solidão:
quem não quére que o mundo fale
não lhe dá occasião.

120

O' acipréste do adro,
não assombres a igreja,
pois bem assumbrado anda
quem não lógra o que deseja.

121

O loireiro é temido
eu não me têmo de nada;
têmo-me da tua lingua
que me dizem que é damnada.

122

O loireiro é pau verde
que se dá pelos quintaes;
a' sua porta, menina,
se vão repetindo os ajs.

123

O loireiro é retiro,
eu não n-o quero na hórta;
bem retirado que eu ando
menina, da tua porta.

124

A' tua porta está loiro,
a' minha está um loireiro;
quando faláres em mim
olha para ti primeiro.

125

Já o loireiro tem baga
já se póde armar aos tórdos;
diga-me, ó minha menina,
como vamos de amores nóvos.

126

Tens o loireiro á porta,
tens o teu balcão sombrío;
quem tem sombra, tem regálo,
quem tem regálo, tem brio.

127

Loireiro, verde loireiro,
sécca já a tua rama;
era eu tão pequenina
já me querias pôr fama.

128

Por mais que o loireiro cresça,
ao céu não ha-de chegar;
por mais amores que eu tenha
a ti não te hei de deixar.

129

Eu amei dois olhos pretos
que mo fôram dois traídores;
quem diz que o preto que é firme
intende pouco de amores.

130

Dizem que matam amores,—
ai quem me déra morrer!
mais vale morrer de amores
do que sem elles viver!

131

Tendes pescôço de neve
nelle se pôde escrever;
pudêra eu ser estudante,
que nelle aprendêra a lêr!

132

Tenho feito um juramento
espero de o não quebrar:
conservar-me solteirinho
emquanto me não casar.

133

Ninguem se fie nos homens
nem quando estão a dormir;
estão a fingir que resônam
e os malditos estão-se a rir.

134

Mariquinhas, se me amas,
apêrta-me a minha mão;
dá-me os teus braços, meu anjo,
amor do meu coração.

135

Ó oliveira do adro
não faças sombra á igreja;
que nos tempos em que estâmos
ninguem lógra o que deseja.

136

Menina não se namóre
do tocador de viôla;
que elle é de fóra da terra
faz a sua, (1) e vai-se embora.

137

Adeus, que me vou embora,
adeus, que me leva o vento:
já não ha quem por mim chóre
neste triste apartamento.

138

Vai uma nuvem no céu
todos dizem: bem n-a vil
Todos falam e murmuram
ninguem olha para si.

139

(1) *Fazer a sua*, ou *fazer das suas*, (subintendendo *partidas, patifarias*); quer dizer, o tocador da viôla seduz a rapariga, e vai para outra terra. Vid. A. Pimentel, *As alegres canções do norte*, pg. 87 e seguintes.

Trago o meu peito ralado
á força de padecer;
esta pêna é um segredo
que ninguem ha-de saber.

140

Menina, dizer finezas
só o próprio pretendente,
porque o amor não se finge,
só o pinta quem o sente.

141

Não córtes o cacho verde
á videira verdial (ou cerceal);
não contes os teus segredos
a quem te não fôr leal.

142

Daqui para a tua terra
tudo é caminho chão;
tudo são cravos e rosas
dispóstos por tua mão.

143

Adeus, adeus, sol de maio,
adeus, luar de janeiro,
adeus, ó minha menina,
que foi meu amor primeiro. (1)

144

Estou rouca, estou rouquinha
tapadinha da garganta;
manda o médico que eu bêba
agua de assucêna branca.

145

A salsa (ou salva?) é tão melindrosa
que nasce pelas paredes;
tambem o meu amor tem
os seus melindres ás vêses.

146

Deitei o cravo no pôço
fechado, e ficou aberto;
esses teus olhos, menina,
são ligas com que me apêrto.

147

Dizes que tenho amores
— Santissimo Sacramento!
não os tenho nem os quero
nem me vêm ao pensamento.

(1) Cfr. o n.º 171.

148

Lágrimas ao pôr a mêsá,
suspiros ao levantar;
diga-me, ó minha menina,
porque é tanto chorar ?

149

As estrêllas miudinhas
fazem o céu bem compôsto;
assim são as bexiguinhas
nas maçans desse teu rôsto.

150

Laranjeira tem espinhos,
não sou cêgo, bem n-o vejo;
se Deus me não levar cêdo
hei-de cumprir meu desejo.

151

Já lá vai abril e maio,
já lá vão esses dois mêsés;
já lá vai a liberdade
com que te eu falava ás vêses.

152

O alecrim desta terra
não é igual ao da minha:
o della tem fôlha larga
este tem-n-a miudinha.

153

Amores ao pé da porta,
ama-los é um tormento;
amores, de longe, de longe,
vistos de tempos a tempos !

154

Tres córdas tem a guitarra:
uma de oiro, outra de prata;
a terceira, que é de cobre,
todos lhe chamam ingrata.

155

A fôlha da oliveira
em chegando ao lume, estala;
assim é meu coração
quando contigo não fala.

156

Meu amor, vâmos á murta,
que eu bem n-a sei apanhar;
debaixo da murteirinha
mil beijinhos te hei de dar.

157

Lá vai uma, lá vão duas,
lá vão tres pela primeira;
lá vai o meu coração
em busca de quem n-o queira.

158

Tendes a videira á porta,
mas não n-a sabeis podar;
tendes o amor defronte
não n-o sabeis namorar.

159

O' luar da meia noite
tu é-lo meu inimigo;
estou á porta de quem amo
não pôsso entrar contigo.

160

O' luar da meia noite
guarda-te lá para o verão;
quem anda cêgo de amores,
quer escuro, luar não.

161

Se o bem querer é peccado,
ai de mim que já pequei !
Se o padre me não perdôa,
sem confissão morrerei !

162

Das flores que ha no campo
o junquillo é o rei;
puséste-te mal comigo,
choraste, que eu bem n-o sei !

163

Cantigas ao desafio
para mim são escusadas;
as minhas vão de repente,
as tuas são estudadas ! (1)

164

O' José, estás citado
para a primeira audiéncia;
ó José, não jures falso,
põe a mão na consciéncia !

165

O teu cabelo dobrado
tem mais de trinta novêllos;
os teus olhos ramalhudos
quem me déra aborreçê-los !

(1) Cantiga de desafio.

166

Olha para mim e ri-te,
tira-te d'essa tristeza;
olha que não has de achar
coração de mais firmeza.

167

O jasmim tem quatro folhas
pelo meio tem enleios;
é pensão de quem namóra
dar á noite os seus passeios.

168

Os meus primeiros amores
mandei-os ao rosmaninho;
estes que eu agora tenho
vão pelo mesmo caminho.

169

O' meu amor, dá-te o somno
vai-te deitar a dormir,
o que eu não pôsso ver penar
um bem que hei de possuir.

170

O jasmim caiu do céu,
no ar frio a assucêna;
não ha nada neste mundo
que me não venha dar pêna.

171

Não ha sol como o de maio,
lunar como o de janeiro,
nem cravo como o regado,
nem amor como o primeiro!

172

O' meu amor não vás hoje,
que ámanhan tambem é dia;
deixa ficar os teus olhos
para minha companhia.

173

Meu amor, péga na penna,
escreve, que eu vou dictando:
escreve que has de ser meu,
não sei o dia, nem quando.

174

Que passarinho é aquelle
que no ar faz ameaço?
com o bico pede um beijo,
com as azas um abraço!

175

Canta, minha vós d'um anjo
que eu por anjo te venéro;
nem teu pai nem tua mãi
sabem o bem que te eu quero.

176

Eu heide mandar fazer,
(ou elle já estará feito,)
um annel para o teu dêdo,
um botão para o teu peito.

177

Chorae, olhos, chorae, olhos,
que o chorar não é desprezo;
a Virgem tambem chorou
quando viu seu filho prêso.

178

Atiraste-me a matar,
coração de alma perdida;
agora pôes-te a chorar—
cuidas tu que me dás vida!

179

Fui á sepultura vêr
os olhos do meu amor;
achei tudo reduzido,
terra e cinza sem calor.

180

Dizem que o prêto que é feio,
e elle é uma linda côr,
é com preto que eu escrevo
as cartas ao meu amor.

181

Assentado á janella
está o amor a scismar;
não scismes, amor, não scismes,
que eu outro não hei de amar!

182

Tudo o que é triste no mundo
gostava que fôsse meu,
para vêr se tudo junto
era mais triste do que eu!

183

Bóta para cá os olhos,
amor, de quando em quando,
de modos que não percêba
a gente que anda no bando.

184

Quem tem pinheiros, tem pinhas,
quem tem pinhas, tem pinhões;
quem tem amores, tem zêlos,
quem tem zêlos, tem paixões.

185

Triste de quem tem amores,
triste de quem os não tem;
todas as vidas são tristes,
melhor é não ter ninguém.

186

O lencinho que bordáste
tem dois corações no meio;
olha amor, se tu te lembras
de onde esse lencinho veio!

187

Quem acóde ao acipreste
que se parte em bocadinhos?
Quem acóde aos namorados
que se matam com beijinhos?

188

O' adro, quem te minára
lá por debaixo do chão;
o' amor, quem te lográra
sem haver murmuração!

189

Trago terra na algibeira,
agua fechada na mão,
para dispôr uma rosa
nesse teu peito, João.

190

De que servem as esquinas
inclinadas ao luar
se ellas não hão de encubrir
dois amantes a falar?

191

Amor vário, amor louco,
amor das ervas do campo;
já me estava admirando
do teu amor durar tanto!

192

O sol vira e dá volta
para tornar a nascer;
eu não viro nem dou volta,
estou firme até morrer.

193

O amor é uma albarda...
que se põe a quem quer bem;
eu p'ra não ser albardada,
não quero bem a ninguém.

194

E' estylo do cantador
quando chega ao arraial,
preguntar ao seu amor
se elle passou bem ou mal (1)

195

E' estylo do cantador
quando ao arraial chegou,
preguntar ao seu amor:
—como está? como passou?

196

Inda agora aqui cheguei
mais cedo não pude vir;
estive a deitar os pequenos
lá ficaram a durmir.

197

O cantar não é sciencia
para quem tem boa fala;
para mim, que a não tenho,
custa-me os olhos da cara.

198

Tendes coração de assúcar
n'agua fria se derrête;
dai-me uma pêdrinha d'elle
para que o meu se não séque.

199

Você diz que me não quere,
diga-me a razão porquê;
você diz que eu que sou póbre:
—que riqueza tem você?

200

Os olhos requerem olhos
e o coração corações;
tambem as boas palavras
requerem boas acções.

201

O meu amor quere-me tanto,
que até o mar o levou;
numa bateira de prata
rêmos de oiro lhe deitou.

(1) Esta e as tres quadras seguintes são de desafio.

202

Inda agora aqui cheguei
já sei o que vai na terra:
furtaram ao meu amor
um valverde da janella.

203

Passas por mim não me falas
nem o teu chapéu me tiras;
a' certa que te disseram
de mim algumas mentiras.

204

Não sei que mal eu fizera
ao ladrão do meu amor;
passa por mim, não me salva,
tira o chapéu com rigor.

205

Fôste dizer mal de mim
ao ladrão do meu amor;
passa por mim, não me fala,
tira o chapéu com rubôr.

206

O meu amor hont' á noite
pela porta me passou;
por causa da vizinhança
nem o chapéu me tirou!

207

Graças a Deus que já chove
auguinha no meu jardim;
graças a Deus que já tenho
meu amor ao pé de mim.

208

Não me põha a mão na cinta,
não me põha a mão no peito;
após da sua vem outra,
—assim se perde o respeito.

209

Não me põha a mão na cinta,
diga de longe o que quer;
você não perde, que é homem,
pérco eu, que sou mulher.

210

Meninas, vamos á pandiga,
vamos pintá-l-a gibreira;
vamos chamar pela Bicha
ou pela Maria Mineira.

211

E' de noite, faz escuro,
ladram os cães, tenho mêdo;
bem pudéras tu, menina,
livrar-me deste degrêdo.

212

Dá-me um ar da tua graça,
ó meu junquillo amarello;
ninguem póde avaliar
o grande bem que te eu quero.

213

Tira-te dessa janella
minha folhinha de alfáce:
já daqui me estás parecendo
raios de sol quando nace.

214

Se tu me quizeras bem
como as palavras que cizes,
o meu coração ao teu
tinha deitado raizes.

215

O' morte, tyranna morte,
contra ti tenho mil queixas:
quem has de levar, não levas,
quem has de deixar, não deixas.

216

Já pedi a morte a Deus,
elle disse que ma não dava;
que pedisse a salvação,
que a morte certa me estava.

217

O meu amor é pequeno,
é pequeno e resolutio;
é com'ó pão da padeira
que se come sem conducto.

218

Já não ha papel nas lójas,
nem ha tinta nos conventos,
para te escrever, amor,
cartinhas de sentimentos.

219

O' que pinheiro tão alto
ó que pinhas tão córadas:
assim são as raparigas
emquanto não são casadas.

220

Assubi ao alto cédro,
puz a mão na prêta amóra;
passei contigo mil famas,
quem me ha de querer agora?

221

Que te importa a minha sáia
mail-o enfeite que ella tem?
Foi gánha co meu suór,
não deve nada a ninguem (1).

222

O' meu amor, se tu fôres
ao tribunal das formosas,
agárta-te ás trigueirinhas,
que as brancas são enganosas. (2)

223

O' rio que vais correndo
de penedo p'ra penêdo:
rio, leva-me uma carta
ao meu amor em segrêdo.

224

Eu hei de amar o luar,
deixar o escuro traidor;
hei de amar a quem quizer—
não te devo nada, amor.

225

O cravo depois de sêcco
foi-se queixar ao jardim;
a rosa lhe respondeu:
tudo no mundo tem fim.

226

Algum dia, em eu te vendo
morria por te falar;
agora não pôsso vêr-te
nem ouvir-te nomear.

227

O' meu amor dalgum dia
quéres-me tu ainda bem?
Éssa pergunta está bôa,
—isso duvida-o alguem?

(1) De *desafio*. Resposta a outra quadra
que não conhecemos.

(2) Variantes, respectivamente do 1.º e
ultimo verso:

O' meu amor, se te vires
.....
que as alvas são enganosas.

228

Preguntei ao sol se viu,
á lua se percebeu,
ás estrellas se encontraram
amor firme com'o'meu.

229

O mundo fala de mim,
e o mundo que tem comigo?
Eu não sou mulher casada
que dê pênas ao marido.

230

Quando te encontro na rua
baixo os olhos um momento;
olho p'rá terra que pisas,
e com isso me contento.

281

Altos silencios da noite
minhas vóses vão rompendo,
já que eu de dia não pôsso
falar a quem eu pretendo.

232

Todos os malês se curam
com remedios da botica;
só as tristes saúdades
quem as tem, com ellas fica.

233

Quem me déra agora vêr
quem eu ha muito não ví;
eu lhe déra o meu recado
não n-o mandava por ti.

234

O' amor, o' desamor,
o' diabo que te leve,
que me fazes andar triste
podendo eu andar alegre!

235

Quero cantar e não pôsso
falta-me a respiração,
falta-me a luz dos teus olhos
amor do meu coração.

236

Se tu me quizéras bem
como as palavras que dizes,
o meu coração ao teu
tinha deitado raizes.

237

Dé Lisbôa me mandaram
um presente com seu môlho:
o coração duma pulga,
mail-as azas dum piôlho.

238

Amorsinho, fala baixo,
que as parêdes teem ouvidos;
os amores mais incubertos
sempre são os mais sabidos.

239

Não choro por me deixares,
que o jardim mais flôres tem;
choro por não encontrares
quem te queira tanto bem.

240

Andas morto por saber
onde eu tenho a minha cama;
tenho-a á bórda do rio,
debaixo da verde rama.

241

Se o amor fôsse no fim
assim como é no começo,
tinha dito a minha mã
que me casásse no berço.

242

Eu hei de amar, hei de amar,
hei de amar não sei a quem;
hei de amar esses teus olhos
a quem os meus querem bem.

243

Os meus olhos são dois patos
fechados numa alagôa,
cançadinhos de chorar
por uma certa pessoa.

244

Adeus, fôlha do salguciro
raminho do bem querer;
quem á tua sombra chegou
não se deve arrender.

245

Os olhos da minha cara
já os tenho repreendido
que não olhem p'ra ninguem
que está o mundo perdido.

246

Eu hei de um dia apanhar-te
numa rua apertadinha;
depois então perguntar-te
porque razão não és minha!(1)

247

O' meu amor, se te fôres
diz-me a quem eu hei de amar!
—Não ames a mais ninguem
que eu ainda hei de voltar.

248

De correr venho cançada
de apanhar a bergamôta;
de cançada me assentei
em frente da tua porta.

249

O meu coração voando
dentro do teu foi cair;
no meio partiu as azas
de lá não pôde sair.

250

Eu tenho cinco namôros,
tres de manhan, dois de tarde;
a todos cinco eu minto
só a ti falo verdade.

251

Se o bem querer se pagasse,
quanto me estavas devendo!
Com quanto tens, não me pagas
o bem que te estou querendo.

252

Quem me déra de saber
o prêço que o rôxo tem,
para me vestir assim
com sentimento dalguem!

253

O alecrim de Castella
tem a folha recortada;
quem soubér dos meus amores,
cale-se, não diga nada.

254

A maçan do acipréste
é dôce, e tem casca amarga;

(1) Quadra de ripa alternada, caso pouco commum na poesia popular.

É como o amor dos homens,
tanto péga, como larga.

255

A' entrada desta rua
dei um ai, que nunca o déra;
recolheram-se as estrellas,
saiu o sol á janella.

256

O' acipréste dos valles
retiro dos passarinhos,
a quem déste-os abraços
dá-lhe tambem os beijinhos.

257

Juráste-me pelo céu
que nunca me deixarias;
agora estou conhecendo
dos homens as tyrannias.

258

Semei, não recolhi,
bem pudéra recolher;
semei os teus agrados
não me quizeram nascer!

259

Fechei a porta á desgraça
entrou-me pela janella;
quem nace para a desgraça
não póde fugir a ella.

260

Mandei-te um ramo de cravos
p'ra te ver, meu lindo goivo;
manda-me dizer por ella
quando serás o meu noivo.

261

Aqui tens a minha mão
unida palma com palma;
aqui tens meu coração
para unir á tua alma.

262

Cravo rôxo á janella
é signal de casamento;
menina, recôlha o cravo,
que o casar inda tem tempo.

263

O cégo que nasceu cégo
nem sua vista logrou;

não póde ter tanta pena
como o que viu e cegou.

264

Toma lá este raminho
leva cylindras e goivos;
tambem leva malva-rosa,
depressa seremos noivos.

265

Mandei-te um ramo de rosas
atado com uma fita;
e dentro o meu coração
p'ra fazer-te uma visita.

266

Minha rosa encarnada
dispôsta ao pé do tanque,
passa-lhe agua pelo meio,
cada vês está mais galante!

267

Ha tres dias que não ceio,
ha quatro que não almôço;
quero falar ao amor,
quero falar-lhe, e não pôsso.

268

O tempo que te eu amei
melhor estivera doente;
tempo tão mal empregado,
dado de tão bôamente!

269

Os pombinhos innocentes
namóram-se e dão beijinhos,
fazêmos, amor, *fazemos* (façâmos)
como fazem os pombinhos.

270

Esta noite fui ao fado
levei tres vintens em prata;
fui a pé, vim a cavallo,
não ha coisa mais barata!

271

Se as saudades matassem
muita gente morreria;
as saudades não matam
senão ao primeiro dia.

272

O meu amor, coitadinho,
de repente adoeceu;

faltaram-lhe os meus carinhos,
não poudes viver, morreu.

273

Se eu á tua casa ía
era p'ró tempo pa'çar;
não era por outra coisa,
dessa me pôsso gabar!

274

O' minha bella menina
hoje sim, ámanhan não;
hoje me tiram a vida,
ámanhan o coração.

275

O' rosa, quando morreres
em que has de ir amortalhada?
Na lólha da mesma rosa,
na que fôr mais incarnada.

276

Se tu queres e eu quero
têmo-l-o contracto feito;
não venha cá pai nem mãe
destazer o que está feito.

277

Se tu queres, tambem eu quero,
se querias, tambem eu queria;
têmo-l-o contrato feito,
vem p'rá minha companhia.

278

Toma lá que te dou eu
do meu coração falinhas,
já que te não pôsso dar
dos meus olhos as meninas.

279

Toma lá que te dou eu
estas duas laranjinhas,
já que te não pôsso dar
dos meus olhos as meninas.

280

Minha terra, minha terra,
manda-me de lá dizer
se o lindo amor que eu tinha
inda o tornarei a vêr?

281

O meu coração por arte
entrou no teu pensamento;
é como o crime de faca

que nunca tem livramento.

282

O rouxinol quando canta
demóve a pêna co bico;
como não hei de eu chorar
se tu te vais, e eu fico?

283

Debaixo do verde cédro
agua clara vi correr;
neste mundo tudo esquece,
só de ti não pôde ser.

284

Quando o salgueiro dér baga
e o amieiro dér cortiça,
então é que te heide amar
que agora tenho preguiça.

285

Debaixo da oliveira,
rapazes, é que é amar;
tem a fólha miudinha
não entra lá o luar!

286

Ó que noite tão escura!
ó que céu tão estrellado!
ó quem não tivera amores,
que durmira descançado!

287

Altas tórres tem teu peito,
eu quero entrar lá dentro;
que eu sou rendeiro de amor,
quero fazer pagamento.

288

Eu casei-me, captivei-me,
troquei a prata por cobre;
troquei minha liberdade
por dinheiro que não corre.

289

Nosso Senhor está doente
deitado no seu andor;
os anjos lhe estão cantando:
bemdito seja o Senhor!

290

Se te eu vira bem casado,
esse gôsto era o meu;
vejo-te mal empregado,
chóro o meu mal, sinto o teu.

291

Dos filhos que meu pai fez,
dos que minha mãe criou,
eu fui o mais desgraçado
que Deus ao mundo deitou.

292

O' meu amor, ama, ama,
a quem trazes no sentido;
não se te dê de ficares
em falta para comigo.

293

Eu tomei amores co vento
não sei se faria bem;
que o vento sempre foi vário,
varia por 'hi além. (1)

294

Os olhos do meu amor,
dão confeitos, não se vendem:
são laços com que me apertam,
cadeias com que me prendem.

295

O' que púcaro tão bello,
que agua tão saborosal
quem n-a bebe é um cravo,
quem n-a dá é uma rosal

296

Eu tenho ouvido dizer:
palavras leva-as o vento;
as minhas para contigo
trago-as eu no pensamento.

297

Quando te eu quis, não quiséste
acceitar o meu partido;
agora mettes empenhos
para falares comigo.

298

De vermelho veste o cravo,
de verde o manjaricão;
de branco veste a assucena
de luto o meu coração.

299

Aquelle primeiro amor

que no mundo teve a gente,
não sei que doçura tem
que lembra constantemente,

300

Não me importa que vindimes
vinha que eu já vindimei;
não se me dá que tu lógres
amores que eu já logreil

301

Ao carvalho cai a fôlha,
ao castanheiro a carúma;
o homem que não tem barba
não tem vergonha nenhuma.

302

O' lindo *cáles* da flôr
onde a abelha tem sustento:
nos olhos do meu amor
é que eu emprégo o meu tempo.

303

O' minha mãe dos trabalhos,
para quem trabalho eu?
Trabalho, todo me mato,
não tenho nada de meu l

304

O' amor da minha alma,
quanto tenho te darei;
darei-te a luz dos meus olhos,
céga por ti ficarei.

305

Menina, não seja vária,
repr'enda o seu pensamento;
olhe que o amor dos homens
dura muito pouco tempo.

306

Não me põ nha o pé na saia
nem me põ nha a mão na cinta;
e' crime de mão cortada
quem co amor doutro brinca. (1)

307

Não ha coisa que mais cheire
que a flôr da alfazêma;
não ha gôsto neste mundo
que não venha a dar em pêna.

308

(1) Talvez esta cantiga seja de importância nortista, e este *vento* seja um homófono de Bento, sabido como nalguns districtos do norte o *v* tem o valor e pronúncia de *b*.

(1) Cfr. o n.º 208.

No meio do verde campo
o mal-me-quêre apanhei;
p'ra ver a sôrte do amor
suas folhinhas contei.

309

Os meus primeiros amores
entreguei-os ao diabo;
estes que eu agora tenho
são muito de meu agrado.

310

Sou do fado, sou fadista,
e' meu gôsto andar assim;
quem nace p'ró triste fado
nunca pôde ter bom fim.

311

Minha mãe me mata hoje
o meu pai me tira a vida;
sê me descuido, menina,
tiram-me o fôlle das migas.

312

Alegremente cantando,
já que chorando naci;
já que os gôstos desta vida
se acabaram para mim.

313

Por mais que de ti me apartem,
meu amor, eu te hei de querer;
que o meu coração é vara
que ninguem pôde torcer.

314

Tu já por aquí não passas,
já mudáste-lo andar;
já tomaste outros amores
ou estás para os tomar.

315

Verde canna, verde canha
verde canna de encanar:
aqui estou á tua beira
se me quisêres matar.

316

Semei no meu quintal
um lirio rôxo, meu bem;
tambem cá numa desgraça
quem muito juizo tem.

317

Vióla, minha vióla,

tu cómes comigo á mêsa;
tu é-la minha alegria
quando eu sinto tristeza.

318

O' minha pêra bojarda
pintadinha de amarello:
não ateimes mais comigo,
bem sabes que eu te não quero.

319

A maçan do acipréste
e' dura, não amolêce:
e' como o amor dos homens,
triste de quem o conhecel

320

No adro da minha terra
achei um lencinho em fôlha,
um anjo a cada canto,
no meio Nossa Senhora.

321

Hei de me deitar num pôço,
num pôço adonde me afôgue;
já que o meu amor me engeita
não quero que outro me logre.

322

Estrellas do céu caíde
vinde fazer juramento,
vinde dizer se me vistes
com alguem perder o tempo.

323

Tomáste amores com outra
e queres ter amor comigo;
tu queres partir o amor,
e eu não quero amor partido.

324

Quatro coisas são precisas
para saber namorar:
olho fino, pé ligeiro,
responder, saber falar.

325

Eu já vi um gato a lêr
mais um grilo a dar escóla;
nas côstas duma formiga
arrei um jôgo de bóla.

326

Não sei que quêre a desgraça
que atrás de mim corre tanto;

hei de parar p'ra mostrar-lhe
que de vê-la não me espanto.

327

Menina, você não conte
a sua pênna (ou segredo) a ninguém:
uma amiga, tem amiga,
outra amiga, amiga tem.

328

Fui ao jardim dos teus olhos
apanhar mercuriaes;
bem me queres, mal me queres
—cada vês te quero mais!

329

Chamáste-me trigueirinha
e não é de andar ao sol;
toda a fructa que é sombria
essa não é da melhor.

330

A silva que nasce em casa
vai beber á cantareira:
olha lá como se estrêma
a casada da solteiral

331

Na janela adonde eu còso
não quero manjaricão;
não entra o sol pelas fôlhas,
fico numa escuridão.

332

Eu hei de ir ao ceu, hei de ir
inda que vá de joelhos;
p'ra buscar um cravo branco
que está entre dois vermelhos.

333

Minha mãe chamou-me Rosa
tinha de ser desgraçada:
pois não ha nenhuma rosa
que não seja desfolhadal

334

So queres que seja tua,
manda ladrilhar o mar:
depois do mar ladrilhado
serei tua sem faltar.

335

O' menina abrande, abrande,
essa sua contrição (?);
as pedras tambem abrandam

aquellas que duras são.

336

Déste-me alecrim por prenda
por ter a fôlha miúda:
quiséste-me experimentar
—meu coração não se muda!

337

De noite tudo são sombras
eu nellas te hei de fallar,
já que de dia não pôsso
tuas falas alcançar.

338

Mariquinhas, tu bem sabes,
quem namora, aperta a mão:
sempre fôste e has de ser
amor do meu coração.

339

Aquella menina é minha,
aquelles olhos são meus,
aquelle corpo bem feito
fui eu que o pedi a Deus!

340

Eu hei de amar ás avéssas
para ninguem o saber;
passa por mim, fêcha os olhos,
faz-te cêgo sem n-o ser.

341

O' minha bella menina
pônha aqui a sua mão;
ouvirá dar a pancada
que dá o meu coração.

342

Ó meu manjarico verde,
já meu peito foi teu vaso;
já lá tens outros amores,
já de mim não fazes caso.

343

O meu amor é um cravo
só eu o sube escolher;
para o craveiro dar outro
ha de tornar a nacer.

344

Menina que anda a dançar
com a saía arregaçada:
sempre quero que me diga

se ella é sua ou emprestada? (1)

345

Coitadinho de quem tem
seus amores além do rio;
quer embarcar mas não póde,
do coração faz navio.

346

Aqui tens a minha mão
unida palma com palma;
aqui tens meu coração
para unir á tua alma.

347

Esta noite sonhei eu
—oxalá que fôsse tall
que te estava a desatar
a ponta do avental.

348

Tenho dentro do meu peito
o que eu não quero dizer:
heide-me casar contigo
ninguem n-o ha de saber.

349

Coitado de quem é tôlo
que juizo não quere ter
que se lhe mette em cabeça
coisas que não podem ser.

350

Quem tem amores na terra
póde rir, póde folgar;
eu por mim, como os não tenho,
passo a vida a suspirar.

351

Menina, não se namore
de homem casado, que é perigo;
namore-se dum solteiro
que possa casar consigo!

352

Estava p'ra te escrever
a' noite depois de ceia;
caiu-me a penna da mão,
apagou-se-me a candeia.

353

Está o sol preso á lua,
a campainha ao sino,

o teu coração ao meu
com cadeias de oiro fino.

354

O ladrão do machinista
por onde lêva o vapor!
leva-o por fóra das calhas,
lá me mata o meu amor!

355

Se eu morresse ao nascer
feliz era a minha sorte:
não ouvia, nem dizia,
nem arreceava a morte.

356

Quem tiver de dar a rosa
que a dê logo em botão:
aberta, logo desfólha,
fechada sempre tem mão.

357

Hei de te amar ao escuro
emquanto o luar não vem,
hei de amar esses teus olhos
para dar penas a alguém.

358

Chamáste-me trigueirinha,
isto é do pó da eira;
tu me verás no domingo
como a rosa na roseiral

359

O' olhos de amante firme
cadeiinhas de prisão:
o' faces enganadoras,
enganaes meu coração!

360

Vai-te embora vai-te embora
já tu te tiveras ido:
se te fôras ha um anno
já me tinhas esquecido.

361

O' coração, ó pombinha,
o' ares de primavera,
se eu morrer de ti ausente
não me ha de comer a terra.

362

O cedro vai para o ar
mangerona no pé fica;

(1) De *desafio?*

não sei que amor é o teu
que tanto me mortifica.

363

A agua do nosso rio
quem na bebe fica ausente;
bebeu-a o meu amor
ausentou-se para sempre.

364

O meu amor fez-me pobre,
fez-me andar a pedir;
a todas partes irei
só á della não hei de ir.

365

A salsa da minha horta
e' verdinha, torco o pé;
assim eu torcera a lingua
a quem dizes que não é.

366

O anel que tu me déste
era de vidro, quebrou-se
o amor que me tu tinhas
era pouco e acabou-se,

367

Tive um amor, teve dcis
não quero ter nenhum mais:
o meu coração está farto
de dar suspiros e ais.

368

Por esta rua corre agua
por aquella corre vinho,
pela outra corre sangue
do meu amor, coitadinho.

369

Cuidas que eu não conheço
a arruda pela toada;
faço-me eu desintendida
que a mim não me escapa nada.

370

Tudo o que é verde sécca
lá no fim do verão:
tudo torna a renovar
só a mocidade não.

371

Julgavas que eu te queria
brinquinho de cantareira;
julgavas que eu era tôla

que por ti tinha cegueira.

372

As telhas deste telhado
as mais dellas tem virtude;
eu vim para aqui doente
agora lôgro saude.

373

Quatro coisas quer um amo
do creado que o serve:
deitar tarde e erguer cêdo,
comer pouco andar alegre.

374

O meu amor foi-se, foi-se,
foi-se para não voltar;
Deus lhe apare (1) uma ríbeira
onde elle não possa passar.

375

Adeus amor, adeus amor,
já ninguem te sabe amar:
já não ha quem por ti chore
quero eu por ti chorar.

376

Anel de azeviche preto
anda-me aos saltos no dêdo;
eu ando ameaçado
de quem tenho pouco medo!

377

O' minha mãe quem me déra
o que a minh' alma deseja:
as portas do céu abertas
como estão as da igreja.

378

Menina, se fôr á fonte,
ponha o pé na segurança:
que a honra é como o vidro
quem a perde, não na alcança.

379

O cravo depois de sécco
logo fica, amor, perdido;
eu bem quero mas não posso
tirar de ti o sentido.

380

Trigueirinha e engraçada,
sou filha dum lavrador;

(1) *Aparar*, forma pop. de *deparar*.

vou ao mato, vou á lenha,
assim me quer meu amor.

381

O' quem me dera saber
o preço que o rôxo tem
para me vestir assim
com sentimento de alguém!

382

Apalpei meu lado esquerdo
não achei o coração:
chegou-me a feliz noticia
que estava na tua mão.

383

Amores ao pé da porta
O quem os pudéra ter!
antes que a bôca não fale
os olhos gostam de vêr.

384

O' José, cravo ingrato
não no sejas para mim;
só Deus sabe o que eu padeço
José, por amor de ti.

385

Tenho pena de quem pena,
pena de quem pena tem;
tenho pena de mim mesmo.
de mim não na tem ninguém.

386

O' meu amor não vás hoje
que amanhã também é dia,
deixa ficar os teus olhos
para minha companhia.

387

Tenho renda que me rende
já não quero trabalhar;
tenho navios no porto
com janella para o mar.

388

Dizes que eu não sei sachar
e que todo o milho arranco;
ainda Deus me ha de dar
uma leirinha no campo.

389

Eu perdi o meu lencinho
no terreiro a dançar;
minha mãe não me dá outro

em cabello hei de andar.

390

O' prima chama-me primo,
O' primo, não te sou nada;
donde nos viria agora
esta nossa parentada? (I)

391

O' Luisa, ó Luisinha
tua agulha me picou;
tu dizes que não foi nada
e ao coração me chegou.

392

O' meu manjaricão verde
aonde lograste o cheiro?
na cama do meu amor,
debaixo do travesseiro.

393

O' ares da minha terra
vinde por aqui, levai-me;
que os ares da terra alheia
não fazem senão matar-me.

394

Passei pela tua porta
puz a mão na fechadura
não me *quisestei* abrir
coração de pedra dura.

395

Estou rouca, enrouqueci,
não é catarro nem tosse:
e' o ladrão do amor
que de mim quer tomar possessel

396

Tenho corrido mil terras,
mil terras tenho corrido:
muito cão me tem ladrado
mas nenhum me tem mordido.

397

Denegrída violeta
quem me dera a tua côr,
para com ella poder
escrever ao meu amor.

(1) Variante:

O' primo, chamai-me prima,
o' prima, não vos sou nada, etc.

398

Verde é a malva cheirosa,
amargosa na raiz;
não te gabes que me deixas
que fui eu a que te não quis! (1)

399

Ninguém descubra o seu peito
por maior que seja a dôr;
quem o seu peito descobre
a si mesmo é traidor.

400

Quem nunca fôra a Coimbra
ao terreiro da Ascensão!
Quem nunca vira os teus olhos
que tantas pênas me dão!

401

Chamaste-me amarellinha
amarella quero sêr:
amarella como o oiro
que mais poderei valer?

402

Triste sou, triste me vejo
sem n-a tua companhia;
triste sou, quando me lembro
que alegre fui algum dia.

403

Manjaricão da janella
já te pódês ir seccando;
já morreu quem te regava,
eu já me vou enladando.

404

José me ensinou a amar
que eu nada disso sabia;
para agora me deixar
com tamanha tirannia. (2)

405

*Mandáste*s-me assentar praça
no coração duma pomba;
depois de ter praça assente
*dêste*s-me baixa redonda.

406

(1) Cfr. o n.º 17.

(2) Variante do último verso:
Como a noite deixa o dia.

Estou rouca, estou rouquinha
não é de beber vinagre:
e' de falar ao amor
pequenina sem idade.

407

Passarinho passa o río,
passa o rio e não n-o bebe;
tambem eu passava a noite
contigo, cara de neve!

408

Eu não pôsso neste mundo
levar tal á paciencia:
o que é meu lográ-lo outro
e' caso de consciencia.

409

A azeitona quando nace
logo vai para o lagar:
quem tem o cabello ruço
trate mas é de o pintar.

410

Atrevida *borborêta*
assubiu á luz tiranna;
de repente çaiu morta
—assim succede a quem ama.

411

A' sombra da laranjeira
está o amor a chorar;
mais vale não prometter
que prometter e faltar!

412

Eu fui que accendi o lume
numa chaminé doirada;
eu fui que dispús amores,
reparti, fiquei sem nada.

413

Coitadinho de quem nace
no mundo sem ter ventural
e' como o prato quebrado,
que atiram com elle á rua.

414

Tecedeira engraçadinha
tem o tear e não téce;
ou ella anda de amores
ou o tear lhe aborréce.

415

Quem me déra a liberdade
que a réstea de luar tem;
entrava pela janella
ia falar ao meu bem.

416

Tenho dois cravos a abrir
dentro duma garrafinha,
para levar de presente
a quem diz que ha de ser minha.

417

Meu coração pede, pede,
terra para um pomar:
meus olhos se obrigarão
a dar agua pr'ó regar!

418

Anel de oiro não é prenda
nem tambem annel de prata;
annel de contas miúdas
e' prenda de amor que mata.

419

Da minha janella á tua
vai o salto duma cóbra;
inda espero de chamar
á tua mãi minha sógra.

420

Sexta feira é allazêma
que dá flores todo o anno;
o' menina, dê-me o sim,
não me dê o desingano!

421

O salgueiro á beira da agua
tem raizes á *canhóta*;
não ha coisa mais cheirosa
que a fôlha da bergamóta.

422

Esta noite bóle o vento,
cai a flor do manjarico,
casa amor, com quem quiséres,
que eu bem satisfeito fico.

423

Tenho vinte e quatro damas
como vinte e quatro flôres:
seis Marias, seis Antónias,
seis Annas, seis Leonores.

424

Raparigas cantai todas,

vamos todos ao terreiro;
vamos grandes o *piquenos*,
toda a palha faz palheiro.

425

Adeus, que me vou embora,
adeus, que me quero ir:
dá-me cá esses teus braços
que me quero despedir.

426

Tendes oiro no pescôço.
prata fina na garganta;
queres que te fale, menina,
a's horas que o galo cantal

427

Passei pela tua porta
bem te vi, não te falei:
por causa da tua gente
bem ao disfarce me dei.

428

Se o meu amor tirar sorte
eu não n-o hei de livrar;
servir o rei é nobreza,
meu amor, deixa-te andar.

429

A viola quére que eu môrra,
as cordas que eu endoideça:
tambem uma certa menina
quére que eu por ella padeça.

430

Se tu queres e eu quero
que nos importa parentes?
E' só um anno, até dois,
que nós andamos indifferentes.

431

Ai lari, lari ló lé,
ai lari ló lé sou tua;
não n-o digas a ninguem,
nem ás pedrinhas da rua.

432

C'um canivete doirado
cortei o pé á assucena;
amei-te com tanto gôsto,
deixei-te com tanta pëna.

433

Justiça de Deus te cáia,
do céu te venha um castigol

As portas do céu não abram
sem te pôres bem comigo!

434

O meu amor é sargento
o meu amor trás divisa;
trás coleirinho engomado
botões de oiro na camisa.

435

Adeus caminho da fonte,
já de mim não és seguido;
já não encontro por lá
quem eu trago no sentido.

436

Quero da-las despedidas,
quero dá-las mas não pôsso;
tenho o meu coração prêso
c'um fio de oiro ao vosso. (I)

437

Toma lá esta laranja
cortada com'ó marmélo;
dentro della has de achar
o bem e o mal que te eu quero.

438

Ausente do bem que adóro
já não faço gôsto em nada.
E' tão profunda a tristeza
que só o chorar me agrada.

439

Assubi ao pessegueiro
toda me enchi de flores;
vejo-me tão pequenina,
tão perseguida de amores.

440

Todo o homem que se casa
com mulher que não trabalha,
deve ter arca de brôa,
grande palheiro de palha.

441

O' senhora Mariquinhas
raminho de bem-querer:
se o seu cântaro tem agua
venha-me dar de beber!

442

O' Rosa, ó linda Rosa
raminho de herva-cidreira,
hei de-me casar contigo
indas que teu pai não queira.

443

Mal empregada fui eu,
ferreiro, na tua mão:
era branca, fiz-me preta
de andar ao pó do carvão.

444

Acipreste não se réga,
na mesma fresquidão nace;
amor fino não se muda
por mais tormentos que passo.

445

Dos teus olhos fiz tinteiro,
do nariz penna aparada,
dos dentes lettra miuda,
da bôca carta fechada.

446

Não ha flor com'ó suspiro,
nem cheiro mais excellente;
não ha pena que mais mate
que tê-lo amor ausente.

447

Tu mandaste-me esperar
ao pé do pinheiro manso;
esperei-te, não viéste—
ólha amor o teu descanso!

448

Esta noite foi meu gôsto,
outra noite foi regalo;
hei de me ir *adevertir*
até ao cantar do galo.

449

O' ingrata seductora
vinga-te agora em chorar;
os carinhos eram tantos
podias-te aproveitar.

450

Vestem-se os ares de luto
as estrellas põem véu;
ando mal co meu amor
e' bom que o saiba o céu.

451

(1) Quadra final de desafio

Apaga-me essa candeia
que está o azeite caro;
defronte de mim estão olhos
que *alumeiam* mais claro.

452

A laranja caiu n'agua
apodreceu-lhe ametade;
quem ama dois corações
ama um com falsidade.

453

Se algum dia te fiz bem,
fôstes mal agradecida;
por bem fazer, mal haver,
são n-as pagas desta vida.

454

O' olhos azues-claros
contrarios ao meu viver,
bem sei que levas em gôsto
fazerdes-me padecer.

455

S. Pedro, senhor S. Pedro
que tendes no campanario?
—um galo prêto romano
que canta que é um regálo.

456

Dava-te o meu coração
se mo tivéras pedido;
agora já to não dou
que o tenho promettido.

457

Tendes parreirinha á porta
tendes sombra regalada;
tendes fama de bonita,
deveis ser bem procurada.

458

Se ouvires dizer que morri,
róga por minh'alma a Deus,
que eu tambem rógo por tí
se Deus ouvir rógos meus.

459

Quando ólho para o céu
a Deus peço paciencia,
que me dê agua nos olhos
p'ra chorá-la tua ausencia.

460

O' que janella tão alta

o' quem lá ha de assubi-ri
Mas quem lá tem seus amores
que ha de fazer senão ir?

461

Se eu cantar tão bem soubésse
como sei fazer cantigas,
fazia chorá-las pedras
quanto mai-las raparigas!

462

Esta noite ha de chover
pelas rues aos pinguinhos;
hei de dar ao meu amor
mil abraços e beijinhos.

463

Já cortei o meu cabelo,
já o atei por detrás
c'uma fita azul escura
que me deu o meu rapaz.

464

Debaixo da malva-rôxa
põe-se a mèsa p'ró jantar;
nesta terra não passeia
quem a mim me ha de lograr.

465

Dizeis que eu não sei cantar
porque tenho a fala grôssa:
tenho esta que Deus me deu
não vos vou pedi-la vossa. (I)

466

Adeus caminho da fonte,
pedras finas de alto prêço;
outra virá que te lógre
já que eu te não merêço.

467

Raparigas cantai todas
que ainda aqui não ha tristeza;
ainda aqui não ha quem tenha
sua liberdade prêsa.

468

A' tua pórtá, briosa,
tenho gôsto em morar;
quero vêr esse teu brio,
briosa, adonde irá dar.

469

(1) Quadra evidentemente de despique.

Já me estórvam que te eu fale,
mais não me pódem fazer;
estorvar-me que te eu ame,
só Deus tem esse poder.

470

O' flôres do meu jardim
secai vós, que o mando eu;
e' bom que não tenha flores
quem o seu amor perdeu.

471

A alegria dos meus olhos,
o' meu Deus, quem ma levou?
dantes era tão alegre,
agora tão triste soul

472

O sete-estrello caiu
numa fôlha de giêsta:
cada vês te quero mais—
olha que cegueiraстал

473

A folhinha do salgueiro
de amarello, incarnou;
estavas p'ra mim tão firme—
o' amor, quem te virou?

474

Rua direita é lima,
a calçada é limão,
a travessa falsidade,
o adro manjaricão.

475

A' tua porta estou morto,
trata de me ir enterrar;
na tua mão estava a vida
se tu ma quiséras dar.

476

Isto agora é que vai bem,
já cá me vai agradando;
estava tão empenhadinha,
já me vou desempenhando.

477

Adeus, meu amor, adeus,
até quarta ou quinta feira;
não pôsso estar sem te vêr
uma semana inteira.

478

Por Antonio é que eu môrro,

por Francisco endoideço,
por José darei a vida,
só por ti pênas padeço.

479

As bótas que me queres dar
entréga-as ao sapateiro:
que ellas são muito mal feitas
não valem o teu dinheiro.

480

Não ha cantador na rôda,
não ha quem queira cantar;
vou fazer a minha entrada:
meus senhores, vou começar. (I)

481

Puz-me a chorar saúdades
ao pé da agua corrente;
a agua me respondeu:
o amor não dura sempre.

482

Trago tres letrinhas de oiro
gravadas neste meu peito:
a primeira diz, amor,
o mal que te tenho feito.

483

Lindos olhos tem a côbra
quando olha de repente;
mais vale morrer dum tiro
que do amor estar ausente.

484

O' que linda trôca de olhos
que fizeram dois amantes;
trocaram dois olhos prêtos
por dois azues tão galantes!

485

Sentei-me á beira do rio
para as aguas vêr correr;
vi correr as dos meus olhos
para mais pênas eu ter.

486

Dei um nó de amante firme
no laço do teu pescôço;
julguei que ganhei, perdi
as maçans desse teu rôsto.

487

(1) Quadra inicial de despique.

A cóbra, na relva verde,
fôge que desaparêce;
quem dá confiança a homens
grande castigo merêce.

488

Inda que eu viva mais annos
do que fôlhas tem o víme,
não me *hades* achar mudado,
antes cada vês mais firme.

489

Aquí me tens a teu lado,
o' minha pomba sem fêl;
no tempo em que tu me amavas
sempre me fôsto fiel.

490

Nas parêdes do meu quarto
teu lindo rôsto gravei;
olhos pôstos no retrato,
dando ais, acabarei.

491

O coração de Maria
e' de vidro e vai na mão;
se te quiséres vingar delle
deixa-o cair no chão.

492

Dormindo sonhei contigo,
meu lindo ceu estrellado:
acordei, achei-me só—
que sonho tão desgraçado!

493

Quem me déra ser colête,
ao menos, atacador;
que eu andaria enleado
ao peito do meu amor.

494

Se eu morrer no meu juizo,
no meu sentido perfeito,
hei de pedir que me intêrrem
no jardim desse teu peito.

495

Eu já te não quero bem
nem mais para ti olhar,
porque me fôram dizer
que estavas p'ra me deixar.

496

O' morêna, abre-me a porta,

que estou cos pés na geáda;
se tu não me abre-la porta
não és morêna, nem nada.

497

Coração não andes triste
dois dias que *hades* viver;
anda alegre se pudéres
que a terra te ha de comer.

498

Esta noite choveu oiro,
diamantes orvalhou;
ahi vem o sol com seus raios
enxugar quem se molhou.

499

Malva verde que se enleia
que se enleia pelo trigo;
quem me déra ser enleio
que me enleára contigo!

500

O' minha bella menina,
ó bella, se ella quisér:
hei de ir pedi-la a seu pai
para ser minha mulher.

501

Se eu tivêsse, não pedia
coisa nenhuma a ninguem;
mas como não tenho, pégo
uma filha a quem as tem.

502

Tenho feito juramento
na folhinha da nabiça,
de não dar a minha mão
a nenhum padre de missa.

503

Eu hei de me ir, hei de me ir,
eu de me ir, já me vou;
apartada tenha a vida
quem me de ti apartou.

504

O' que lindo par que eu trago
a' minha banda canhóta! (1)
o' que lindo ramalhete!
o' que lindo cheiro bóta!

(1) *Banda canhóta*: lado esquerdo.

505

Desgraçada foi a hora
que te fui falar ao muro
palavrinhas em segrêdo:
logo foste contar tudo.

506

A rosa fechada cheira,
mail-o cravo meio aberto;
menina, se ha de ser minha
eu quero sabê-lo ao certo.

507

O' Anna, ingrata Anna,
que queres deste meu peito?
Se queres o meu coração
mette a mão, tira-o com geito.

508

O' meu amor, se tu queres
a tua roupa lavada,
paga a uma lavadeira
que eu não sou tua criada!

509

C'uma penna de pavão
e o sangue da cotovia,
hei de escrever uma carta
ao meu amor dalgum dia.

510

O cravo tem vinte folhas,
a rosa tem vinte e uma;
anda o cravo á demanda
por a rosa ter mais uma.

511

Minha rosa encarnada
criada perto do choupo:
se tu não góstas de mim
eu de ti gosto bem pouco.

512

Pessegueiro abanado
da mão, que *nanja* (1) do vento;
tende-la fama comigo
com outra passae-lo tempo.

513

Ai Jesus, que hoje é o dia
que se apartam corações;

não se hão de apartar os nossos,
que estão prêsos a grilhões.

514

Manjaricão da janella
semcado ao arado:
nem tu eras de meu gosto
nem eu sou de teu agrado.

515

O amor emquanto novo
anda com todo o cuidado;
depois da prenda na mão
mostra papel de enfadado.

561

Mulher que deixa inganar-se,
o' que sorte tão tyrannal
Quantas vêses ella chora
aos pés de quem n-a ingana!

517

Adeus Anna, adeus amor!
já ninguem te sabe amar;
já não ha quem por ti chore
quero eu por ti chorar.

518

Bem sei que fui atrevido
em subir a tua escada;
a confiança faz tudo—
cala-te, não digas nada.

519

Se fôres domingo á missa
vai para onde te eu veja;
não faças andar meus olhos
em leilão pela igreja.

520

Fui ao jardim, fiz um ramo
de quantas flôres havia:
só me faltava um suspiro
para te lograr, Maria.

521

Já não quero ir á sala
sem levar o candieiro;
tenho medo que me matem
os ólhos dalgum brêjeiro.

522

Se meus olhos te namoram
vai pedi-los a meu pai;
se elle te dissér que não,

(1) *Nanja*—não já.

retira-te e dá um ai.

523

Inda agora aquí passou
Antoninho p'ró estudo:
cara de neve coalhada,
olhos de limão maduro.

524

Se tu me quisesses bem
não me falavas assim;
pedias a Deus do céu,
voltavas-te para mim.

525

Não me namora o teu oiro
nem n-a tua formosura;
namóra-me aquelle asseio
com que tu sáes á rua. (1)

526

Se passares pelo adro
tira o chapéu á cruz,
que o meu amor é môrdomo
da capella de Jesus.

527

Eu gósto de ver dançar
quem tem n-a sáia rasteira;
põe o pé firme no chão
não alevanta poeira.

528

Se passares pelo adro
no dia do meu intêrro,
diz á terra que não cõma
as tranças do meu cabelo.

529

O' ingrata, eu já vi
tua sobêrba abatida;

(1) Duas variantes de Trás-os-Montes dizem:

Não me namora o teu ter
nem n-o teu rico cordão;
namoram-me esses teus olhos
que tão líguezinhos são.

Não me namora o teu ter
nem o teu andar á móda;
namoram-me esses teus olhos
meios dentro, meios fóra.

Rev. Lusitana, vol. X. pgg. 157.

inda espero de vêr mais
se me não faltar a vida.

530

Cravo rôxo está na tinta
a tomar do amarelo:
menina não desconfie,
que o seu amor não lho quero.

531

Se te eu quis bem foi num sonho,
em mim foi variedade;
foi enquanto não achei
amores á minha vontade.

532

Meu coração é *relôjo*
minh'alma dá badaladas;
o dia em que te eu não vejo
trago as horas contadas.

533

Cheguei mesmo agora á rua
já sei o que vai por ella;
furtaram ao meu amor
um craveiro da janella. (1)

534

Passei pela tua porta.
pedi-te agua, não ma *dêstes*;
tomei amores com outra
a culpa, tu a *tivêstes*.

535

Anda cá, meu bem, não fujas,
que eu não cõmo gente viva;
se eu não sou de teu agrado
diz-me, amor: quem te obriga?

536

Naquella janella alta,
naquella casa maior,
está um espelho de cristal
que dá combates ao sol.

537

Esta noite sonhei eu
contigo, minha lindeza (ou belleza);
acordei, achei-me só—
em sônhos não ha firmeza!

538

(1) Vrr. do n.º 202.

Esta noite sonhei eu,
e a outra sonhado tinha
que estava na tua cama:
acordei, estava na minhal

539

Que lindo botão de rosa
tenho na minha costura;
O amor para contigo
acaba na sepultura.

540

Muitas vóltas dá o rio
em vólta do amieiro;
mais vóltas dá o amor
sendo leal, verdadeiro.

541

Adeus campos, adeus valles,
adeus, amor que eu amei;
inda agora adóro o sitio
onde contigo fallei.

542

As ondas do mar lá fóra
de longe parecem vélas;
quem me déra agora ver
quem navéga dentro nellas.

543

O meu bem agrada a todos,
todos olham para elle;
inda me ha de vir o zélo,
não quero que gostem delle.

544

Abre-me a porta que eu mórro
não abras, que eu já morri;
não me faças perder a alma
que o corpo já eu perdi.

545

Senhora Santa Sophia
foi meu mestre no cantar,
como meu mestre, devia
devéras de me ensinar.

546

Se eu quiséa, bem pudéa
fazer o dia maior,
dando um nó na fita verde
fazer dilatar o sol (1)

(1) Referencia a alguma superstição que desconhecemos.

547

De noite tudo são sombras
nellas te hei de procurar,
já que de dia não pôsso
tuas falas alcançar.

548

A laranja quando nace
logo nace redondinha:
tambem tu quando *nacestes*
foi logo para ser minha.

549

Pelo lenço te conheço
pela larga cercadura;
domingo, se Deus quisér,
irêmos falar ao cura.

550

O' luar, acompanhai-me,
estrellas do céu, segui-me;
esta noite hei de saber
se o meu amor me está firme.

551

Eu hei de amar quatro nomes
que tenho de obrigação:
é Manoel e Antonio,
Francisquinho mais João.

552

O' luar que assim vaes claro
não falo a quem eu queria:
do céu viera uma nuvem
o' luar, que te incobrirá.

553

Noite escura, noite escura,
para mim és um tormento;
vejo-me aquí solitaria
chôro e suspiro, não mintó.

554

Já não quero mais amar
que de amar eu tenho mêdo;
não me quero arríscar
a pagar o que não devo. (1)

(1) Variante trasmontana; no segundo verso:

Eu ó amar tenho medo.

Rev. Lusitana, X, pgg. 130.

555

A pulga mail-o piólho
ambos dois estão doentes;
a pulga, dóe-lhe a barriga,
o piólho, dóe-lhe os dentes.

556

Vai-te embora, meu amor,
longe de mim vai morrer;
cá me deixas nos meus olhos
duas fontes a correr.

557

Chamaste-me pé de ginja
eu não sou tão delicada;
sou altinha, sou airosa,
em ti sou mal empregada.

558

Em te ver, vejo a Deus,
não sei se péco, se não;
vejo a Deus na minha alma,
e a ti no meu coração.

559

Quando os meus olhos te viram
meu coração te adorou;
na cadeia dos teus braços
minh'alma prêsa ficou.

560

O meu amor não é aquelle
que o meu amor traz chapéu;
quando chega ao pé de mim
parece um anjo do céu.

561

Segunda feira, aguas claras
que regam toda a verdura;
regam n-a luz dos meus olhos
a nossa pouca ventura.

562

Domingos e dias santos
e' que eu offendo a Deus;
vou á missa e não te vejo
onde estás, intentos meus?

563

Os olhos azues são lindos
e cheios de ingratião;
e' por elles que padece
o meu triste coração.

564

Se *vi-la* mulher perdida
não n-a trates com desdem;
porque Deus tambem castiga
não diz quando nem a quem.

565

O amor é uma náu
que navéga com bom vento;
lá no mar desses teus olhos
navéga o meu pensamento.

566

As estrellas do ceu correm
todas numa carreirinha;
tambem os amores correm
da tua mão para a minha.

567

O' alto e verde acipreste
cobre-me co'a tua sombra;
que eu trago a dama furtada
e não sei onde a esconda.

568

O sol quando nasce, inclina
a's pedras do meu anel;
tambem me eu inclinei
aos braços de Manoel.

569

Ai Jesus valha-me o céu
não sei que ceu ha de ser,
ha de ser o do Senhor
que outro ceu não pôde haver.

570

Tenho na minha janella
o que tu não tens na tuá:
um vaso de violetas
que se lhe chega da rua.

571

O' lua que *alumeras*
lá no mar os pescadores,
alumeia-me tambem
para ver os meus amores.

572

O amor não é um crime
nem o confessor o quita:
quem morre nesses teus braços,
não morre, mas resuscita.

573

O' que rico luar faz
para apanhar camoêsas; (1)
no pomar das tres Marias
para dar ás tres Therêsas.

574

Apartada tenha a vida
de alma e de coração,
quem me de ti apartou
sem ter causa nem razão.

575

Das hervas que ha no monte,
o junquillo é o rei;
ausentastes-te de mim
choraste, que eu bem n-o sei.

576

A candeia por esta baixa,
não deixa de alumiar;
o amor por estar longe
não deixa de não lembrar.

577

Eu fui amada dum conde,
querida dum general;
agora sou dum tenente (ou corneta)
olha a baixa que eu vim dar!

578

Ai de mim que eu vou depressa,
eu vou buscar o Senhor,
que morreu uma donzella
nos braços do seu amor.

579

Namorei uma menina
com tenção de a deixar:
ella deixou-me primeiro
já foi muito adivinhar!

580

Hei de te amar ao escuro
emquanto o luar não vem;
hei de amar esses teus olhos
para dar pênas a alguem.

581

(1) Nome vulgar duma especie de maçãs.

Anda talvez nesta quadra uma vaga reminiscência do mytho de Páris.

Cf o n.º 16

O rouxinol quando bebe
bebe na agua corrente,
e co mesmo bico escreve
cartas ao amor ausente.

382

O anel que me tu d'este.
Francisquinho da Trindade,
era-me largo no dêdo,
apertado na vontade.

583

Môro por detrás da igreja
não sinto senão cavar;
uns morrem, outros intêrram-se,
e eu sem me desinganar.

584

A' entrada desta terra,
(logo á entrada, não),
moram duas perdizinhas:
—quem será o perdigão?

585

quem quisér comprar um melro
falle comigo e vêja:
tem n-o biquinho amarello
tem n-o da côr da cerêja.

586

O' meu amor vai e vólta,
a' vinda vem por aqui;
eu abaixarei meus olhos
e farei que te não vi.

587

Passei pela tua pórtta
buli-te na fechadura;
estavas lá não me falaste,
coração de pedra dural!

588

O' sete-esrrello que andais
lá no céu nessas alturas:
dai-me nóvas do meu bem,
que eu delle não sei nenhuma.

589

Menina, não se namóre
de homem que já viuviu;
vai a riscos de criar
pitos que outra mãe deixou.

590

Menina não se namore
de homem que fôr pequenito;
agarra-lhe pelas orelhas:
—anda p'ra aqui, macaquitol

591

Esses teus olhos, menina
são duas azeitoninhas;
ao fechar são dois botões,
ao abrir, duas rosinhas. (1)

592

O meu amor é pedreiro
tem officio á nobreza;
trabalha com colhêr de oiro,
que de prata é baixeza.

593

O' Antoninho, Antoninho,
retrós verde de coser:
nós nascêmos um p'ró outro,
que lhe havemos de fazer?

594

E's uma bella rapariga
eu sou um bello rapaz;
os teus olhos *alunciam*
com' á fábrica do gaz.

595

O mar pediu a Deus peixes
para dar aos pescadores;
eu só peço a Deus ventura
p'ra lograr os meus amores.

596

Quem vai ao mar sempre péscia
robalêtes ou peixinhos;
quem namóra sempre alcança
ou abraços ou beijinhos.

597

Quando o sol deixar de dar
na ponta do alto freixo,
então saberás, menina,
a rasão porque te eu deixo.

598

(1) Cfr. a cantiga nortista:

Tendes os olhinhos prêtos
côr de azeitona madura;
as falinhas da tua bôca
me levam á sepultura.

Do céu permitta Deus
que te venha um castigo;
já que namoravas outro
p'ra que falavas comigo?

599

Scudes alta com'ó vime,
córadinha com'ó cravo;
tenho pêna em mim mesmo
em não ser do teu agrado.

600

Se o meu amor fosse Antonio,
mandava-o engarrafar
numa redoma de vidro
para o sol não o crestar.

601

Aqui estou, aqui estarei
aqui terei sepultura;
aqui serás enterrado
coração de pedra dura.

602

Amada de Deus, amada,
querida de Deus, querida;
mais vale ser desejada
do que ser aborrecida!

603

No adro da minha terra
achei um lenço em fôlha;
um anjo a cada ponta,
no meio Nossa Senhora.

604

Abaixa-te ó serra alta,
que as outras se abaixarão;
quero ir ver o limão verde
ao pé do verde limão.

605

Alto pinheiro redondo
já te tiraram cavácas;
já descobriram teu peito
já sabem n-as tuas faltas.

606

A minha avó era bruxa;
eu bem n-a vi *avoar*
da sala para a cosinha,
da cosinha para o ar (1).

(1) As bruxas vôam, como se verá mais
adiante, *Superstições*.

607

Peixinhos viver não pôdem
retirados da agua fria;
eu tambem viver não pôsso
sem n-a tua companhia.

608

Se eu soubesse que morria,
que te não tornava a vêr,
mandava vir da botica
remedio p'ra não morrer.

609

Rapazes góstam de vêr
as pernas ás raparigas;
se são gróssas ou delgadas,
se são curtas ou compridas.

610

Tudo é meu bem, meu bem,
por ser móda de cantar;
eu não tenho bem nenhum,
só se Deus mo quisér dar.

611

Quatro com cinco, são nove,
agora já sei contar;
quem me enganou uma vêr
não me torna a enganar.

612

Amores, ao longe, ao longe,
que perto quem quere os tem,
amores ao pé da porta
não são leaes a ninguem.

613

Mal que te vi logo disse:
Lindo corpo para amar!
Linda bôca para beijos!
Lindos olhos p'ra acenar!

614

Quem por cartas se namóra
nunca pôde andar alegre;
vê o papel, vê a tinta,
mas não vê quem n-as escreve.

615

Das falsas que ha no mundo
tu é-la da maior fama.
Eu sou com' á oliveira
que no ar sustenta a rama.

616

Eu hei de amar o valverde
emquanto tiver verdura;
hei de amar a quem quisér,
qu'inda não fiz escriptura.

617

Fui á fonte sem ter sêde
bebi agua como terra;
estava o amor defronte
atirou-me c'uma pedra. (1)

618

A pedra deu na roseira,
toda me enchi de flores;
agora pôsso dizer
que a beber tomei amores.

619

Quem te pôs o nome, Rosa,
havia de adivinhar;
Rosa no céu e na terra
e Rosa em todo o lugar.

620

Graças a Deus para sempre
que já ouvi tua fâla;
parece que vem do céu
e os anios a acompanhá-la.

621

O A é a primeira letra
que eu em teu peito escrevi;
se alguem se perdeu no mundo
fui eu por amor de ti.

622

Eu hei de me ir, hei de me ir
á tua porta sentar;
onde eu vir que causo pênas
lá é que hei de porfiar.

623

A' sua porta córre agua,
menina, façá-lhe o rêgo,
que eu ando ameaçado
de quem tenho pouco mêdo.

(1) Tróva de arremêssô, não cit. por Leite de Vasconcellos in *Arremêssos simbólicos na poesia pop. port.* A quadra seguinte é certamente um complemento daquella. Já demos uma ligeira variante sob o n.º 58; repetimo-la agora pela relação que tem com o n.º 617.

624

De Lisbôa me mandaram
quatro frades num ceirão:
Frei Azeite, Frei Vinagre,
Frei Alho, Frei Pimentão.

625

Já te quis, já te não quero,
e também já te não amo;
a minha pouca assistencia
ha de dar-te o desingano.

626

Quero-te dizer adeus,
não te põhas a chorar;
saudades que de ti levo
tambem te pôdem ficar.

627

Rosa que estás na roseira,
deixa-te estar, que estás bem,
mimosa e regaladinha
a' sombra de tua mãe.

628

Rosa branca, tóma côr,
não estejas tão desmaiada,
que dizem n-as outras rosas:
rosa branca não é nada!

629

Andas mórta por saber
onde eu faço a minha cama:
faço-a á bórda do rio,
na raiz da espadana (1).

630

Ai! Eu queria roubar Anna,
mas não sei onde ella dórmel
debaixo da laranjeira,
só uma folhinha a cóbre!

631

A cigarra *atrêpa, atrêpa*,
córta a espiga do centeio;
quem tem um amor bônito
ri-se de quem n-o tem feio.

632

A cantiga que eu cantar
não n-a canto duas vêses,

que a semana tem seis dias
e o anno doze mêses.

633

Eu já sei que quere dizer
a salsa pelas paredes;
quere dizer o sentimento
de te vêr tão raras vêses.

634

Lá vem um barco á véla,
lá vem n-a sardinha bôa,
lá vem o meu amorsinho
assentadinho na prôa.

635

Hei de cantar e dançar
emquanto solteira fôr;
que as faladeiras da rua
não teem nada que me pôr.

636

O beijo que tu me *dêstes*
sem n-a tua mãe saber,
toma-o lá, já o não quero,
que já lho fôram dizer.

637

Maria, minha Maria,
meu pucarinho de Aveiro;
todos andam á porfia
quem te ha de lograr primeiro.

638

Maria, minha Maria,
Maria, meu ai *Fasus*,
o dia em que te não vejo
nem o sol me quere dar luz.

639

Uma vélha muito vélha,
mais vélha que o meu chapéu,
falaram-lhe em casamento
levantou as mãos ao céu.

640

Muito bem parece o oiro
ao pescoço da donzella;
melhor parece a honra:
menina, faça por ella.

641

Dei um ai, dei um suspiro,
dei uma vólta na cama

(1) Variante:

A' beira da verde canna. Cfr. o n.º 240.

para vêr se te encontrava
meu amor, da outra banda.

642

Meu amor, por tua causa
meu amor, pús-me na espinha;
já não tórno a ser quem era
nem a caldos de galinhal

643

O' José, cabelo de oiro
penteado no desérto,
sobrancêlhas de oiro fino,
olhinhos por quem me eu pércio.

644

O meu amor é José
e eu queria-o Joaquim;
vem-te cá, José, embora,
Deus te criou para mim.

645

José é nome de jóia,
mas não sei que jóia é;
quando me falam em jóia
logo me alembra José.

646

José é nome de jóia,
quem te pôs o nome, errou:
a jóia é para o peito,
e José ao peito andou.

647

Josésinho, meu amor,
fita verde nos calções:
se quiséres casar comigo
bóta na igreja os pregões.

648

O' José, ó Josésinho,
o' José enganador,
o' José que me *inganastes* (1)
com palavrinhas de amor.

649

Ninguem se fie nos homens
que são como as cannas vèrdes:
umas altas, outras baixas,
assim são as fallas deles.

650

(1) Var. deste verso:
Inganástes-la menina.

Ninguem se fie nos homens
que são falsos á traição;
teem palavrinhas dôces,
diabos no coração.

651

O meu coração é teu,
já o podes entender;
se o queres amar, ama,
senão, deixa-o padecer.

652

O jardineiro (?) é verde,
e as flôres que dá são brancas;
como é que póde amar firme
quem se *adeverte* com tantas?

653

O' alto lirio rôxo
deixa-me aqui esconder,
que eu roubei uma menina
querem-me agora prender.

654

O' alto pinheiro manso
cobre-me coa tua sombra,
que eu furtei uma menina
não tenho onde a esconda. (1)

655

Antoninho, pé de cravo,
Manoel, pé de cerêja; (1)
sendes a unica fructa
que o meu coração deseja.

656

Anda cá, que eu já te quero
nessa saia de estamenha;
a quem Deus quére ajudar
o vento lhe apanha a lenha.

(1) Variante:

O' amieiro do rio
empresta-me a tua sombra,
que eu roubei uma menina
não tenho onde a esconda.

J. da Silva Vieira—*Ramalhete de canç.*
pop. do conc. de Espozende, n.º 48.

(1) Tambem se diz: *côr* de cravo, *côr* de
cerêja.

657

O' papão, vae-te embora
de cima desse telhado,
deixa durmir o menino
um soninho descaçado. (1)

658

Quem tem meninos *piquenos*
por força lhe ha de cantar;
quantas vêses as mães cantam
com vontade de chorar! (2)

659

Nana, nana, meu menino
que a tua mãe logo vêm;
foi-te lavar os paninhos
á fontinha de Belem (3).

660

Uma mãe que o filho embala
todo o seu fim é chorar,
só por não saber a sorte
que Deus tem para lhe dar (1).

661

O rouxinol quando canta
vai cantar ao loireiro;
não acórdes o menino
que está no somno primeiro (1)

662

Esta noite á meia noite
ouvi cantar o Divino:
Nossa Senhora no céu
a cantar ao seu menino. (2)

(1) Leite de Vasconcellos—*Canções do berço* in *Revista Lusitana*, X, pgg. 32.

(2) Idem. pgg. 26. Uma variante no verso primeiro:

Quem tem meninos bonitos

Outra no terceiro verso:

Quantas vêses se lhe canta.

Outra ainda, nos dois últimos versos:

Umas vêses está cantando
outras vêses está a chorar.

(3) Id. pgg. 32.

(1) Commun ao Alemejo. A. Thomás Pires, *Cant. Pop. Port.*, t. II, n.º 4:335.

(1) Id. pgg. 38. Differe de quantas ali vêm citadas.

(2) Id. Variante da quadra inscripta sob o n.º 71 em pagg. 34.

663

Segunda feira te amo,
na terça te quero bem,
quarta feira por ti môrro,
na quinta por mais ninguém.

664

Antoninho cravo branco
exertado no penêdo;
por amor desses teus olhos
passam-n-os meus um degrêdo.

665

Toda a vês que eu considero
que de ti me hei de apartar,
razam-se-me os olhos de agua,
não faço senão chorar.

666

Tenho-te dado convêrsa,
liberdade ainda não;
se ta eu tivera dado
morreria de paixão.

667

O meu coração é terra,
hei-de mandá-lo cavar
p'ra sepultar os desejos
que tenho de te falar.

668

Nem meu pai, nem minha mãe,
nem tresentos confesores,
me *privem* (prohibem) a liberdade.
de falar aos meus amores.

669

Amar e saber amar
são pontos mui delicados;
os que amam bem, são poucos,
os que sabem amar, raros.

670

Eu não pôsso cantar alto
que me morreu uma gata;
coitado de quem é pobre,
qualquer coisa lhe faz faltal

671

A oliveira é a paz,
o pessegueiro é a guerra; (1)

(1) Como se vê, o povo não ignora os symbolos.

se não fôssem teus agrados
já não estava nesta terra.

672

Sabes cantar e não cantas,
póde-te Deus castigar,
sabes cantigas bonitas
e não mas queres ensinar.

673

O' areal do Mondego
não sei como tens areia;
quer de noite quer de dia
meu coração te passeia. (1)

674

O' Coimbra, ó Coimbra,
pequenina mas alegre;
quem nella tomar amôres
ha de saltar como a lébre.

675

Aqui nesta rua móra
uma grande alcoviteira;
trás cartas e leva cartas
como o carro da carreira.

676

Quero mais á minha mãe
do que eu quero á rainha;
que me trouxe no seu ventre
nove mêses, coitadinha.

677

O' estrellinha do norte,
agulha de marear:
e' por onde me eu govérno
quando te quero falar.

678

Quem diz que o cantar quere hora,
fala verdade, não mente:
eu hoje quero e não pôsso,
hontem cantei lindamente.

679

Janella de pau de pinho
que a meu respeito te *abristes*;
torna-te agora a fechar,
faz, amor, que me não *vistes*.

680

Menina, prenda o seu melro
que o seu melro é marôto;
p'rá amor do seu melrinho
tenho o meu alçapão rôto.

681

O sete estrello caíu
no espelho da viôla;
lembre-se você, menina,
deste rapaz que a adora.

682

Tóca-me nessa viôla
repenica-me esses dêdos;
se te quebrarem as córdas
aqui estão os meus cabellos.

683

Diga-me lá, ó menina,
em que agua lava o rôsto?
— Em agua de melancia
colhida no mês de Agosto.

684

Morreu a minha pombinha
já não tenho portador,
já não tenho quem me leve
as cartas ao meu amor (1).

685

Quem acceita prenda de homem
póde logo imaginar:
quem acceita, está em divida,
quem a dá, quere-se pagar.

686

Ó Manoelsinho das môças
inda te dão as maleitas?
inda te dão as tremuras
ao pé das môças bem feitas? (1)

687

(1) Uma variante do norte diz no primeiro verso:

Morena, minha pombinha
que não faz tão bom sentido.
J. da S. Vieira, ob. cit. n.º 23.

(1) Var. doutras localidades.

Mandáste-me perguntar
se inda me davam maleitas;
— só me dão as tremuras
ao pé das môças bem feitas.

(1) De Coimbra, mas commum na Figueira, como a quadra seguinte.

Toda a minha vida andei
a guardar uma ramada;
uma hora que faltei
logo a achei vindimada.

688

Tu de lá e eu de cá,
qual de nós canta' melhor?
Minha voz incóbre a tua,
cala-te lá, rouxinol.

689

A sorte do marinheiro
e' uma verdade pura:
anda sempre a trabalhar
em cima da sepultura.

690

Minha terra, minha terra,
minha terra não é aqui:
os anjos do céu me levem
á terra adonde eu nasci.

691

Coração, acima, acima,
se não podes correr, anda;
assim faz o meu amor:
quando não pôde vir, manda.

692

Sei um sacco de cantigas
inda mais um guardanapo;
cale-se lá, ó menina,
senão eu desato o sacco (1)

693

Sei um sacco de cantigas
e mais uma taleigada;
se eu hoje as canto todas,
amanhan não canto nada.

694

Menina, prenda o seu melro
que me vai ao meu quintal,
que me cóme o pasto todo
não tenho que dar ao gado.

695

O meu avô
comia carne de grou;
não morreu nem acabou.

(1) Cant. de despique, bem como a seguinte.

696

O' visinha, tem lá lume?
accenda-me esta candeia,
que está a chegar meu homem
quero-lhe fazer a ceia (1).

697

Eu casei-me por um anno
p'ra ver a vida que tinha:
o anno vai acabando;
quem me déra solteirinha!

798

O diabo leve os homens
enfiados num cordão:
o primeiro seja Antonio,
o segundo seja João,
o terceiro é José
por ser o mais maganão.

699

O diabo leve os homens
enfiados num cordel;
o primeiro seja Antonio,
o segundo Manoel,
o terceiro Josésinho
por ser o mais bacharel (1)

700

O' José, ó José,
que vida é a tua?
Comer e bebêr,
passea-la rua.

701

Menina Maria (ou Tia Maria)
que tem que se cõma?
Batatas assadas
co'a bella azeitõna.

(1) Vestígios do antigo costume das visinhas se pedirem lume. Regista-o Tolentino:

Então, já quando em cardume
sáe a gente da Fundição,
como sabeis que é costume,
e já os visinhos vão
pedir ás visinhas lume;

.....

No jogo infantil dos *Quatro cantinhos* também se pede lume.

(1) Variante da anterior.

702

.....

 A quem tem as pernas tórtas
 também se lhe chama *canêjo*;
 vão-se as maleitas com desejos
 e as feridas com *inguento*;
 anda o moinho co vento,
 quem n-o tece é a aranha;
 se esta cantiga tem manha
 não tem principio nem fim;
 o raminho de alecrim
 que se dá aos namorados;
 as armas são p'ros soldados
 também são p'ros caçadores;
 isto de quem tem amores
 bem ligeiro deve andar.
 A gaita é p'ra tocar
 e o pente para a cabeça;
 menina não endoideça
 que ainda ha de ser feliz;
 você tem um tal nariz
 que tem mais de palmo e meio;
 quem olha p'ra elle, diz
 Que lhe chega até ó seio.
 pelo comprimento
 e' um nariz a rigor;
 também já mo gabaram
 p'ra bigorna de ferrador (1).

.....

(1) E' um trecho, apenas, dum amplifi-
 cari. A pessoa de quem o recolhêmos soube-
 o outróra na integra; no tempo em que nol-o
 communicou, só lhe recordavam estes vinte
 e seis versos.

CANÇÕES DO S. JOÃO (1)

703

O S. João da Figueira
 não tem véllas no altar;

(1) As quadras precedidas do signal *
 não constam do curioso livrinho *Cant. pop.*
a S. João, rec. da trad. oral, Figueira, 1905,
 onde vem impressas 43 canções.

se o santo me casar cêdo
 sou eu que lhas vou levar.

704

O S. João da Figueira
 vive mesmo ao pé do mar;
 por trás da sua capélla
 anda a sardinha a saltar.

705

Hei de deixar ao relento
 uma fôlha de figueira;
 se S. João a orvalhar
 hei de encontrar quem me queira (1).

706

Onde estará S. João
 que não o enxérgo na igreja?
 —Anda a correr as fogueiras
 para ver quem o festeja.

* 707

O S. João da Figueira
 escreveu ao de Leiria:
 que lhe mandasse dizer (1)
 quantos milagres fazia.

708

O S. João da Figueira
 escreveu ao de Leiria,
 para lhe mandar dizer
 quando era o seu dia.

* 709

S. Pedro e S. João
 ambos no céu tem cadoira:
 S. Pedro, leva o guião,
 S. João leva a bandeira.

710

S. João adormeceu
 aos pés da Virgem Maria;
 acórda, João, acórda,
 que chega hoje o teu dia.

* 711

S. João adormeceu
 nas escadas do collégio;
 déram as mōças com elle:

(1) Vid. *Superst. ref. ao S. João*.

(1) Variante: a mandar-lhe preguntar.

S. João tem privilégio (1).

712

S. João adormeceu
debaixo da lorangeira;
cubriu-se todo de flores,
S. João que bem que cheiral

713

O nome do meu amor
escrevi-o num papel;
deitei-o n'agua, apagou-se,
logo vi que era infiel (2)

* 720

No altar do S. João
nacem rosas amarellas;
S. João subiu ao céu
a pedir pelas donzellas.

* 721

No altar de S. João
nacem rosas incarnadas;
S. João subiu ao céu
a pedir pelas casadas.

722

Na noite de S. João
vamos todos ao terreiro:
venham *piquenos* e grandes
toda a palha faz palheiro.

723

S. João perdeu a capa
no meio do seu jardim;
ajuntem-se as moças todas
façam-lhe uma de setim.

724

Vamos ver nacer o sol
na manhan de S. João;
então verás, meu amor,

(1) Variante (não sabemos de que localidade):

S. João adormeceu
nas escadinhas do côro;
deram as môças com elle
denpicaram-no todo.

(2) Apesar de não se referir esta quadra explicitamente ao S. João, incluímo-la aqui por constar della uma superstição ligada ao culto do Santo. (*Superst. rel. ao S. João*).

se te eu quero bem ou não (1)

* 725

S. João era bom santo
se não fosse maganão;
foi co'as môças á fonte
atirou com uma ao chão.

726

No altar de S. João
achei um lenço marcado:
numa ponta tem a lua,
na outra o sol retratado.

* 727

S. João da minha terra
tem a capélla bonita;
por fóra toda caíada
por dentro tópes de fita.

* 728

S. João era bom Santo
se não fôsse tão velhaco;
foi co'as môças á fonte,
foram tres, vieram quatro.

729

S. João por vêr as môças
fêz uma fonte de prata;
as môças não vão a ella
S. João todo se mata (2).

730

Alem vem o barco novo
feito pelos pescadores;
trazem dentro S. João
todo cuberto de flores.

731

Abaixae-vos, carvalheiras,
com a rama para o chão;
deixae passar as romeiras
que vão para o S. João.

(1) Referencia ao my. ho solar a que se ligou a lenda do Santo; dahi a sua persistencia na tradiçãõ.

(2) Como se sabe a lenda baptistina anda relacionada com o culto das fontes e rios; e os caractéres deste culto conservam-se na imagiuação popular.

Ha uma variante brasileira desta quadra, em que S. João é substituido por Manuel.

726

Chamaste-me carvoeira
eu nunca vendi carvão;
ainda me has de vêr dançar
na noite de S. João.

727

S. João casae-me cêdo,
emquanto sou rapariga;
que o milho sachado tarde
não dá palha nem espiga.

728

S. João, S. João, S. João,
não deixeis este verão passar;
dai-me noivo, S. João, dai-me noivo
dai-me noivo, quero-me casar.

CANÇÕES TÓPICAS (1)

729

Tavarêde, limão verde,
Buarcos, panella velha,
Figueira, barquinha de oiro
onde o meu amor navêga.

730

O' Buarcos, ó Buarcos,
Senhora da Encarnação (3)
o retrato da Senhora
trago eu na minha mão.

731

Senhora da Encarnação
tem um rebate de vidro
que lhe deu um marinheiro
que andava no mar perdido.

(1) São também canções tópicas os n.ºs.

(2) Tavarêde, Buarcos, Brênhã, —freguesias do concelho da Figueira.

(3) Santa de grande devoção dos marinheiros e pescadores, que em uma capelli-ua sobranceira á villa de Buarcos, olhando o mar. Celebra-se ali todos os annos a sua festa a 8' de setembro, com grande concurrencia deromeiros da Figueira e concelhos convizinhos.

O "retrato da Senhora," éa estampa ou registo que todos razem na mão ou no chapéu.

732

Senhora da Encarnação
tem uma toálha nóva
que foi feita em Coimbra
lavada na Fonte Nova.

733

Raparigas de Buarcos
arredai-vos para o lado
que lá veem ás esgueirôas
co ranho dependurado!

734

Raparigas de Buarcos
são feias, mas cantam bem;
quando vão a abrir a bôca,
cabe-lhe um pão de vintem (1).

735

O' meninas da Figueira
acudam ao Cabedêllo;
deu um navio á costa
com enfeites p'ró cabelo. (2)

736

O Cabêça mail-o Bôlha (1)
foram c'uma espingarda a Brenha;
là puséram-se a tocar
e a dançar a malaguenha.

737

Se eu soubéra que morria,
mandava fazer a cóva
c'uma enxada de vidro
no meio da Rua Nova. (2)

(1) Até aqui transcrevêmos das *Canç. 3ª op. da Beira* de Pedro F. Thomás, pgg. 220.

(2) A. das Neves e Mello, *Musicas e Canções Populares*, Lisboa 1872, pgg 59.

(1) Alcnhas de dois individuos da Figueira. Vid. *Anthroponymia*.

(2) Uma das primitivas ruas da Figueira. Chamou-se depois R. do tenente Valadim, sendo-lhe ha poucos annos restituído o seu antigo nome.

CANÇÕES COREOGRÁFICAS (1).

I

O CANAVIAL DAS CANNAS

*Agora começo eu
na hora de Deus amen; (2)
quem na hora de Deus, anda
sempre lhe assucéde bem.*

O' cannavial das cannas,
quem te mandou aqui vir?
Se te eu agora matasse
quem te havia de acudir?

*O' vida da minha vida,
que melhor vida é que espero?
deito-me na minha cama,
viro-me p'ra onde eu quero!*

O' cannavial das cannas, etc.

(1) As quadras que vão em italico, sendo apenas destinadas a encher a musica, não são da essencia da canção, podendo ser substituidas por quaesquer outras ao arbitrio do cantador.

Quisérámos integrar aqui a musica própria destas canções; mas a da maioria dellas já foi recolhida e posta em volume, (*Canções Populares da Beira*) pelo ethnographo figueirense sr. Pedro Fernandes Thomás, com cuja amizade nos honrámos, e em cujo illustrado trato por muitos annos diariamente convivémos.

(2) Leia: *ânã*.

2

CANTANDO, JOSÉ, CANTANDO,

Cantando, José, cantando,
quem tem farinha tem pó;
não passes á minha porta
que me ralha a minha avó.

Cantando, José, cantando.
quem tem farinha tem pão;
não passes á minha porta
que me ralha o meu irmão.

Cantando, José, cantando
quem tem farinha tem, tem;
não passes á minha porta
que me ralha a minha mãe.

Cantando, José, cantando,
quem tem farinha tem tudo;
não passes á minha porta
na occasião do entrudo.

Cantando, José, cantando,
cantando, José, cantou;
vai indo, José, vai indo
vai indo que eu já lá vou!

3

LADRÃO

*Delicado é o fumo
que repassa telha e meia:
delicatos são teus olhos
que namoram á candeia.*

O' ladrão, que te vaes embora,
o' ladrão, que te vaes assim;
o' ladrão, se te vaes embora
não te lembras mais de mim!

*Eu não posso cantar alto
porque estou em terra alheia;
tenho medo que me prendam
que me levem á cadeia.*

O' ladrão, que te vaes embora, etc.

4

MANJARICO

*Lá vai uma, lá vão duas,
lá vão tres pela primeira;
lá vai o meu coração
em busca de quem n-o queira.*

Manjarico, ó meu manjarico
se te vais embora, eu aqui não fico;
manjarico, meu manjaricão,
amor da minha alma, dá-me a tua
mão.

*Menina, dê-me um beijinho,
que eu venho da confissão;
um beijo não é peccado
não sendo na mã tenção.*

II

O VIRA

Menina, vamos ao vira
que lá vem n-a viração;
esta vida são dois dias
Santo Antonio e S. João!

Meninas, vamos aos vira
que lá vem n-a viração,
lá vem o comboio novo
a chegar á estação.

Meninas, vamos ao vira
que lá vem n-a viração;
minha mãe é mãe do vira,
e o vira é meu irmão.

Manjarico, ó meu manjarico, etc.

5

MORÊNA

*O serpão é miudinho,
não se póde apanhar junto;
menina, fuja de amores,
que deixá-los custa muito.*

Se tu não fôras morêna
não viras abraços meus;
mas como tu és morena,
moreninha, adeus, adeus!

*Vós chamaes-me moreninha,
moreninha carinhosa;
moreninha é a pimenta
e ao comer é saborosa.*

Se tu não fôras morêna, etc.

6

NAMÓRA A RITA

*Eu hei de assubir ao alto
que eu do alto vejo bem,
para vêr o meu amor
se me falla com alguem.*

Você é que tem a dita,
namora a Rita
lá de Coimbra;
o' que pequena tão bella,
namóra a Rita
casa com ella.

*Menina que anda de luto
diga-me, quem lhe morreu?
Se lhe morreu o seu pai
pela filha mórro eu.*

Você é que tem a dita, etc.

7

O' ADRO

*Essa tua mão de neve
quando na minha pegou,
não sei que feitiço tinha,
que logo me infeitiçou.*

O' adro, ó adro, ó adro,
José,
ó adro de Santo Antonio;
os homens são uns santinhos
José,
e as mulheres são-n-o demonío.

*Coitadinho de quem ama
sem primeiro ser amado,
fica co tempo perdido
e o coração magoado.*

O' adro, ó adro, ó adro etc.

8

PAPAGAIO LOIRO

Papagaio loiro
de bico doirado,
leva-me esta carta
ao meu namorado.

Elle não é frade,
nem homem casado;
é rapaz solteiro
lindo como um cravo.

Lindo como um cravo,
lindo como a rosa;
toma lá cerveja
e dá cá gazósa.

9

POMBINHA

*O' menina, não se case
que ainda é muito eriança;
se algum rapaz a namora
não lhe dê a confiança.*

Pombinha, olaré, pombinha,
pombinha, olaré, trás, trás!
Já te não querem as môças,
ó desgraçado rapaz!

*Minha mãe, minha mãisinha,
não se pôde ser mulher:
se é bonita, tem má fama,
se é feia, ninguém n-a quêre.*

Pombinha, olaré, pombinha, etc.

10

SENHORA ANNINHAS

O' senhora Anninhas,
repr'nda o seu galo,

que a minha galinha
anda á namorá-lo.

O' senhora Anninhas,
repr'nda o seu coelho,
que mê vae á horta
ao feijão vermelho.

Meninas, vamos ao vira
que o vira é coisa linda;
eu já vi dançar o vira
aos estudantes de Coimbra.

Meninas, vamos ao viral!
Vira, torna-te a virar!
O vira tem sete vóltas,
outras sete lhe hei de eu dar!

NOTA

Não era esta a ordem em que deveríamos publicar este Cancioneiro. Seria interessante, mas sobretudo conveniente para facilidade de estudos, sobretudo de comparação, repartir as cantigas por secções adequadas ao assumpto de cada uma: quadras amorosas, religiosas, astronómicas, de desafio, de separação, de reconciliação, de arremêso, do berço, etc. Bem o quiséramos, mas não nos foi possível por causas superviniente que não vale produzir.

O que podêmos fazer, foi curar com summo escrúpulo da sua colheita, indicando as que por nós não fôram recolhidas directamente na Figueira ou seu concelho mas que outros lhe attribuiram; conservando a sua lição inalteravel, excepto nos casos que adiante mencionâmos; pois correccões na métrica, phonética ou syntaxe, sobejidões ou escassêzes de linguagem que lhes aspássemos, desvirtuariam o sentido ou essencia da cantiga, embotando-

lhe o resáibo pópular, ou desfigurando-a como elemento scientifico.

Na graphia fômos mais adiante, supprimindo todas as figurações grammaticaes que impedissem a leitura regular do verso, antes restituindo-lhe a verdadeira nalgumas canções alteradas em varios cancioneiros. Demais, nalgumas bôcas ouvimos nós corrupções vocabulares a todo o momento, durante o canto ou recitação; noutras, uma correção de linguagem quasi vernácula. Poderíamos ter escripto, por exemplo, a quadra 12:

Menina qu'anda na vinha
dê-m'um cacho, vou lá 'lém;
intes (ou *entes*) qu'el' fôsse verde
da sua mão sabe bem.

Assim a pronúncia a maioria dos cantadores ruraes; mas têmola ouvido correctá, e correctá a fizemos imprimir. Mas quando a medida do verso o exige, não hesitámos, porquê a pronúncia é geral, em escrever — *para cantar com'á róla; baixa os olhos p'ra me ver; casar é'uma brazileira*; em conservar lètras que o pòvo entremecia para mais fácil expressão, como — *se me quizêres dá-l-a rósa; tu é-l-o meu inimigo; todos dizem bem n-a vi; quanto mail-as raparigas* (1). O que não quêre dizer que não accetámos o sentir dos grammáticos que vêem nos dois primeiros exemplos apontados (escrevendo *dá-la, é-lo*) o artigo archáico *lo, la*, que persistiu no castelhano (2).

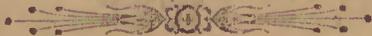
(1) Sem todavia irmos ao extremo de escrever *felor, quclaro* (flôr, claro), como o povo pronúncia para ajustar a letra com a musica.

(2) Como pronóme objectivo da 3.^a pessoa, subjuncto ao verbo, de ha muito o ado-

De resto, conservámos algumas expressões corruptas generalizadas, como *adeverte* (diverte), *alumeiam*, *atrêpa*, *avovar*, *borborêta*, *cáles* (cálice), *compreiçõo*, *cortaes* (corteis), *crecer*, *didál*, *dõe-lhe* (dõem-lhe), *fasômos* (façamos), *hades*, *indas* (ainda), *nacer*, *piquêno*, *privem* (prohibem) *quisêstes* (quisêste), *sendes* (sóis) e muitas outras. Ainda algumas destas são justificáveis — o *a* prefixo em *adeverte*, *atrêpa*, *avovar*, (cfr. *alembiar* e *lembrar*, *alevantar* e *levantar*, *arrebentar* e *rebrantar*, etc. *Crezer* e *nacer* são termos clássicos, usados pelos escriptores da Renascença. Donde pôdemos inferir que ainda em muitos casos é o pòvo quem guarda a orthodoxia da nosa lingua.

Esqueçamos declarar que joeirámos tanto quanto pudemos as canções que sabiamos terem auctor conhecido, embóra tivessem entrado no reportório artistico do pòvo, como succedeu com varias quadras de Palmeirim, João de Deus, Lopes Vieira, Augusto Gil, Correia de Oliveira e Hilario, muito populares em Coimbra, e de lá transportadas para todo o districto e até para fóra d'elle.

plâmos: *deixêmo-la ficar, quero conhecê-lo, vamos levá-lo*, etc. E' a graphia que suppômos mais racional, adoptada por muitos escriptores entre os quaes realçam Herculano e Garrett. Mas neste ponto as phantasias fóram longe: Camillo, e hoje quase toda a gente, porque suppõe erradamente una mudança euclónica do *r* infinitivo em *l*, empregam *vel-o, ouvil-o*; Camões e os escriptores do seu cyclo escreveram *soccorrella, dizello*, etc.



NÓTA II

Achámos curioso organizar uma lista, que vae a seguir, de todas as especies animaes, vegetaes e mine-
raes, de corpos celestes e phenóme-
nos atmosphéricos e metereológicos
que constam do cancionero figuei-
rense.

| <i>Mineralogia</i> | | da do) | çan do —) | » verde |
|------------------------------|-----------------|--------|------------------|-----------------------|
| Agua | Alfáce | | Craveiro | Lirio |
| Ar | » (fôlha da) | | Cravo | » rôxo |
| Azeviche | Alfazêma | | » amarello | Loireiro |
| Carvão | Alho | | » branco | Loiro |
| Cobre | Amieiro | | » incarnado | » (bága do—) |
| Cristal | » (cortiça do—) | | » rôxo | » (râma do—) |
| Diamante | Amóra | | » vermelho | Maçan |
| » (chuva de) | » prêta | | » sêcco | » camoêsa |
| Ferro | Amor perfeito | | » regado | Malmequère |
| Fumo | Arruda | | » (fôlha do—) | » (fôlha do—) |
| Gazósa | Arvorêdo | | Cylindra | Malva |
| Luz | Assúcar | | Espadana | » cheirosa |
| Oiro | Assucêna | | Farinha | » rosa |
| » amarello | » branca | | Feijão vermelho | » rôxa |
| » rei dos metaes | » » (agua de—) | | Figo | « (raiz amargosa da—) |
| » (chuva de) | Azeite | | Figueira | |
| Pedra | Azeitôna | | Flôr | Manjarico |
| » dura | Bergamóta | | » (cálice da) | « verde |
| » fina | Canna | | Freixo | Manjaricão |
| Poeira | » verde | | Fructa | » verde |
| Prata | Cannavial | | Gibreira (?) | Manjarôna |
| » fina | Carvalho | | Giêsta | Marmélo |
| | » (fôlha de—) | | Ginja | Mato |
| | Castanha | | » (pé da—) | Mercuriaes |
| | » (ourico da—) | | Girasol | Mura |
| | Castanheiro | | Goivo | Murteira |
| | » (carúma do—) | | Herva | Nabiça |
| Aciprêste (v. ci- preste) | Cédro | | » cidreira | Oliveira |
| Alecrim | Centeio | | Hórta | » (fôlha da—) |
| » do Castello | Cereja | | Jardim | Palha |
| » rei das hervass | Cerveja | | Jasmim | Pão |
| » fôlha do | Ciprêste | | » (enleios do —) | Pêra |
| » (fôlha recorta- | » (maçan do—) | | » (fôlhas do—) | » bojarda |
| | » (casca da ma- | | Jasmineiro | Pessegueiro |
| | | | Junquillo | Pilriteiro |
| | | | » amarello | Pilrito |
| | | | » rei das hervas | Pimenta |
| | | | Laranja | Pimentão |
| | | | Laranjeira | Pinha |
| | | | » (espinhos da—) | Pinhão |
| | | | Latada | Pinheiro |
| | | | Lenha | » manso |
| | | | Lima | Pomar |
| | | | Limão | Raiz |
| | | | » maduro | Rama |

| | | | |
|---------------|---------------------------------|-------------------------|--------------------------|
| Ramalhête | Vinho | Peixe | Sete estrello |
| Ramo | Violeta | Perdigão | Sol |
| Relva | <i>Animaes e seus derivados</i> | Perdiz | » posto |
| » verde | | Pinto | » nascente |
| Rosa | | Piôlho | » de meio |
| » aberta | Abêlhas | » (dentes do—) | » (raios do—) |
| » fechada | Asno | » (azas do—) | Sombra |
| » botão | Aza | Pomba | Terra |
| » desfolhada | Bêsta | » (cração da—) | Vento |
| » branca | Borbolêta | » sem fél | Verão |
| » incarnada | Cadella | Pombo | Viração |
| » (fôlha da—) | Cão | Pulga | Voaceira |
| Roseira | Caracol | » (barriga da—) | |
| Salgueiro | Cavallo | » (coração da—) | <i>Accidentes</i> |
| » (baga do—) | Cigarra | Rôla | <i>physicos, geográ-</i> |
| » (fôlha do—) | Côbra | » (bico da—) | <i>phicos, e topo-</i> |
| » (raiz do—) | » (ólhos da—) | Rouxinol | <i>gráphicos</i> |
| Salsa | Cotovia | Sardinha | |
| » (pé de—) | Formiga | Tôrdo | Alagôa |
| Salva | » (côstas da—) | | Caminho |
| Sargão | Gado | <i>Astros,</i> | Campo |
| » (flôr do—) | Gaivôta | <i>Phenómenos as-</i> | » verde |
| Serpão | Galinha | <i>tronómico sem c-</i> | Fonte |
| Silva | Galo | <i>teórologicos</i> | » de prata |
| Suspiro | » prêto romano | Calma | Leira |
| » (flôr do—) | Gato | Cêu | Ondas |
| Tôjo | Gata | » estrellado | Pôfto |
| Trêvo | Grilo | Escuro | Praia-mar |
| Trigo | Macaco | Estrella | Quintal |
| Urtiga | Mélro | Geáda | Ribeira |
| Uva | Ovêlha | Inverno | Rio |
| » alvar | » céga | Lua | Rua |
| » arinto | » manca | Luar | Serra |
| » bastarda | » musga | » claro | <i>Chronologia</i> |
| » boál | » sem orelhas | » incuberto | Anno |
| » cerceál | Pantufo | » de janeiro | Dia |
| » verdeal | Papagaio | » da meia noite | Hora |
| » (cacho de—) | » loiro | » (réstea de—) | » de Deus |
| Valvêrde | » (azas do—) | Mundo | Mês |
| Vara | » (bico doirado do—) | Neve | Semana |
| Verdura | Pássaro | » coalhada | |
| Videira | Pato | Noite | |
| Vime | Pavão | Núvem | |
| » (fôlha do—) | » (penna do) | Orvalhadas | |
| Vinagre | | Primavêra | |
| Vinha | | | |

ROMANCEIRO

O Romance, pelas circunstancias que o revestem, pela sua fórma e figuração, é uma das mais curiosas espécies litterarias do povo.

Como veremos ao tratar do seu novellario, o Romance popular desenha quase sempre pequeninos idyllios de amor, lances de heroísmo, tragédias cruentas, aventuras cavalleirescas. E' uma epopeia repartida em télas de exiguas dimensões, para que melhormente se lhe pòssam apreciar as finuras da linha e da còr. A galeria das suas personagens é admiravel, pelo numero e pela phantasia que lhes empresta vida: a corajosa rapariga que partindo para a guerra, vai e vòlta donzella; Dom Carlos de Montalvar, salvando sua filha no ventre de Cláralinda; o celebre capitão da nau *Cathrineta*, resistindo ao demónio que lhe namóra a alma: a *Bella Infanta*, nova Penélope fiel ao esposo ausente na guerra; Dõna Silvana, victima dum amor incestuoso; o heroísmo de Dom Beltrão, cuberto de feridas e ainda combatendo pela fé; Dom Gaifeiros, emfim, correndo aventuras, cavalleiro andante á cata da esposa captiva de moiros. Assim desfila uma legião de heróes, de criminosos, de santos, figuras do mulher aureoladas de graça ou tocadas de claridades sinistras,—um mundo phantastico e desconhecido, que nos arrípia e nos incanta, que nos desorienta e nos deslumbra...

E' em geral concisa a factura do Romance. Quatro pinceladas bastam a definir a situação, e não poucas vêses se deixa ao razoar do ouvinte o trabalho de recomposição e união na breve mudança do scenario.

O melhor do nosso Romanceiro provém da Idade Média. Uns referem-se á época da occupação árabe na Península, e á das Cruzadas; outros ás luctas entre servos e senhores, e outros ainda são inspirados na expansão mundial dos portuguezes ao tempo dos descobrimentos. Alguns são de pura phantasia; muitos, de carácter religioso, embóra na fórma sejam Romances, conservam o o rótulo de *Oração*, e mesmo a applicação nesse sentido:

Quem esta oração dissér,
conclúe grande porção delles.

São deste género quase todos quantos se estampam a seguir, e esses mesmos os unicos completos. O resto são fragmentos de outros Romances, que não vingámos apurar na íntegra. O conceito é muito escasso neste genero de litteratura.

I

ROMANCES RELIGIOSOS

I

AS TRES MARIAS

Esta noite á meia noite,
a' meia noite, ao luar,
partiram as tres Marias
por todo o mundo a andar
em cata de *Jasú* Christo;
não n-o pudéram achar.
Foram-no achar em Roma
revestido ao altar,
c'um *cáles* de ouro na mão
outro para consagrar.
Menino tão pequenino
missa nova quére cantar;
eu quero-lha ir ouvir
p'ra a minh'alma se salvar,
Muito me pèsa, ó Senhor,

muito me hade pesar
o não estar aparelhado
para o ir acompanhar.

.....(1)

2

AS ALMAS SANTAS

Já o sacrario está aberto,
já Noss'enhora anda fóra;
foi visitar uma alma
que se está indo embora.
A' porta das almas santas
bate Deus a toda a hora;
as almas lhe responderam:
— Que quere meu Senhor agora?
— Quero que deixem o mundo
para irmos p'rá Gloria.
Já meu Senhor subiu á crús
para sempre, amen, Jesus. (2)

3

ROMANCE DE N. SENHORA E S. ANTONIO

Indo eu por aqui abaixo
com tres horas de serão,
encontrei Nossa Senhora
com seu livrinho na mão.
Pedi-lhe uma folhinha:
ella me disse que não;
eu tornei-lha a pedir:
e ella deu-me o seu cordão.

O' beato Santo Antonio,
benzei-me este cordão
que me deu Nossa Senhora
sexta feira de Paixão. (3)

(1) Completa?

(2) Tambem ouvimos recitar este romance como complemento do antecedente. Mas a mudança de rima e mesmo de assumpto, auctorisam a cœr que se trata duma peça independente.

(3) Cfr. *Rev. Lusit.* IX. 234.

4

ORAÇÃO DE ENDOENÇAS

Quinta feira de Endoenças,
sua Santa Humanidade
corria toda a cidade
co grande peso da Crús
a caminho da Santa Lús.
As pedras se *acobrintavam* (1)
o sol escurecia,
o Filho de Deus morria,
morria por nos salvar.
S. João, que não ha tall
—Se me não quereis crer,
assubí áquelle oiteiro:
vereis a rua regada
do seu sangue verdadeiro.
Amarrado á columna,
amarrado vai o cordeiro.
—Se vós *sendes* Madre sua,
adiante não *undes* mais,
que do sangue dessa rua
elles vos darão signaes.
—O homem que buscaes?
—Eu busco *Fasus*.
—Ali está naquella crús
com tres cravos cravado,
com tres espinhos c'roado.
Sendes vós o Rei da Gloria
que vos traz tão maltratado,
cuidando não chegar
ao triste monte Calvario.
Avistando uma Senhora
numa missa tão devóta:
—Novas vos trago, Senhora,
novas do monte Quebranto,
o vosso filho, Senhora,
ficam-no crucificando.
—Essas novas, Magdalena,

(e *Madanêla*)

são tristesas para mim,
que entram pelos meus ouvidos
e quebram-n-os meus sentidos.

(1) Quebrantavam=quebravam?

Alevantae, mulheres, os gritos!
vós, mulheres que tendes filhos,
ajudae-me a chorar.

Vós que os não tendes,
não tendes tanto pesar.
E' a morte de *Fasu*-Christo
que é meu filho natural.
Beijarei a Santa Pedra,
que a minh'alma se não pérca.
Beijarei a Santa Crús,
que a minh'alma tenha lús. (1)

—O' chagas ensanguentadas,
ouvistes quando Pilatos
deitou aquelle pregão,
e que vós ajoelhastes
cahistes morto no chão?
—Ajuda-me aqui, Simão,
a' minha Morte e Paixão.

Quem esta oração dissér
Quinta feira de Endoenças,
tirárá quatro almas das pênas do
Purgatorio:

a primeira será sua;
a segunda de seu pai;
a terceira de sua mãe,
e a outra de quem quisér. Amen (2)

ORAÇÃO PARA RECITAR

TODAS AS SEXTAS FEIRAS

O' meu Deus, ó alta lús,
a's costas levae a crús
onde haveis de ser pregado
entre espinhos encravado;
vós por serdes Pai do Céu
vos levam tão maltratado.
Pelas ruas da amargura,
pelas ruas da tristura,
vos vão dando mil puxões,
punhadas e repellões.

(1) Ou—que a minh'alma é de *Fasus*.

(2) Leia-se *ámã* (pronuncia popular).

Além está uma capella:
Nossa Senhora está nella
com Santa Maria Magdalena
e a Senhora do Bom Pranto.
—Que estaes fazendo, Senhora?
—Eu á missa estou rezando.
—Que missa é essa, Senhora?
—Missa do divino Espirito Santo.
—Pois vosso Filho, Senhora,
ficam-no crucificando.
—O' que novas, Magdalena! (1)
já perdi os meus sentidos!
Aqui parte Nossa Senhora
pelas ruas da amargura;
encontrou uma mulher,
e ella lhe perguntou:
—O' mulher, viste p'ra ahi
um homem tão lindo como o sol,
lusindo como as estrellas?
—Vê-lo ahi vae, Senhora,
pelo santo monte do Calvario;
a cada passada que dava
ajoelhava em terra.
Aqui vao Nossa Senhora
pelo santo monte do Calvario;
e vae dar co seu divino e amado

Filho
numa cama tão cruel e tão
profundal
— O' mulheres que tendes filhos
ajudai-me aqui á morte de *Fasú*
Christo,

que é meu filho natural;
estas que os não teem
não sabem destes meus males.
S. João, como meu primo,
ajudai-me á morte de *Fasú* Christol
S. Miguel, pesae as almas
a quem esta oração dissér.

Sete sextas-feiras de Quaresma
e outras sete do Carnario,

(1) Deste verso até o 40.º, a falta de rima e de metro dá a impressão de que estamos lendo prosa.

a sua alma será entregue
a' Senhora do Rosario.
Tirárá quatro almas das pênas do
Purgatorio:
a primeira será sua,
a segunda de seu pai,
a terceira de sua mãe,
a quarta de quem mais quisér.
Amen.

II

ROMANCES PROFANOS

(FRAGMENTADOS)

I

—Marinheiro do mar largo,
volta atrás, que vaes perdido;
essa mulher que ahí levas
é casada, tem marido.

—Se é casada deixa-o ser,
não viéra ella comigo,
não fôra ella gulosa,
amiga de pão de trigo.

2

—Senhor Padre Manoel,
venha-me falar á grade,
que eu não quero ter amores
com vossa paternidade.

—Que tem, ó minha senhora
que tão ao grave se faz,
o ter dois, tres, quatro amores
que todos á rôça trás?

3

Eu cuidava que o casar
era só o dar da mão;
sustentar mulher e filhos
é uma grande pensão;

ao cabo de nove mêses
os filhos lhe pedem pão:
—vá pedi-lo a seu pai,
não seja elle mandrião;
anda de venda em venda
sempre de cópo na mão.

4

Ao romper da bella aurora,
sáí o pastor da cabana
dizendo em altas vóses:
—triste sorte é a de quem amal

Triste sorte é de quem ama,
mais triste é de quem namóra,
mais triste é a de quem não vê
seu amor a toda a hora!

5

Abre-se uma sepultura
mesmo ao meio duma igreja;
bóta-se-lhe o corpo dentro
falta terra, não sobeja. (1)

6

O mal de amores não tem cura
que é um mal desesperado;
quem mórre do mal de amôres
não se interra em sagrado. (2)

(1) A pessôa de quem recolhemos esta quadra preveniu-nos de que «era ainda mais comprida, mas não se alembrava...», o que nos leva a crê-la um fragmento de romance, incluindo-o aqui.

(2) Fôram ouvidos estes quatro versos por um amigo nosso a uma lavadeira de Bre-nha.

Parecendo uma quadra avulsa, são nada menos que um fragmento do romance *D. Aleixo*. Vej. Th. Braga, *Cantos pop. do ar- chip. açor.* pgg. 243.

TRADIÇÕES POPULARES

I

Trovoada

O *cepo de Natal* posto ao lume para afujentar a trovoada é entre o povo usança muito espalhada. O sr. dr. Leite de Vasconcellos a ela se refere nas suas *Tradições populares de Portugal* (Porto, 1882.—páj. 64),

Tenho notícia de que também na Galiza se usa tal meio de afastar os raios. É o *cepo de Navidad* (Forcadela).

Em Alvarães e nas freguesias próximas, na noite do Natal põe-se ao lume um pedaço grande de madeira-de-carvalho, desde as 6 da tarde até á meia-noite. Esse canhoto tem depois a *virtude de afujentar trovões, coriscos, raios, sarriscos* quando se queima e o fumo sobe.

Em Beiral (Ponte do-Lima)—diz-me uma camponesa.—põe-se o *cépo* de carvalho ao lume nas três noites de consoada:—Natal, Reis e Páscoa. Depois, para livrar do raio, basta queimar o canhoto, que para êsse fim se guarda cuidadosamente.

Preservativo semelhante é êste que vem no mesmo livro (páj. 64) do sr. dr. L. Vasconc.: «Põe-se no lume o caseo das pinhas queimadas no Natal: aonde che-

gar fumo não cae raio (Famalição)».

Esta virtude das pinhas do Natal, já a ouvi a moças dos arredores de Ponte-do-Lima.

Em Afife, para afujentar a trovoada, queimam se palmas, bensidas no domingo-de-Ramos. Estas palmas são em geral enfeitadas.

Sabido é que os santos lembrados, quando troveja são *S. Jerónimo e Santa Bárbara-Virgem*. O povo também brada êstes nomes quando se ouve qualquer estrondo.

*

É acima empregada a palavra *sarriscos*. *Sarriscos*—explicou quem m'a disse—são os riscos da faisca; vem de *sarriscar*.

II

Casamentos

Na primeira noite de casamento, o que apagar a luz é quem primeiro morre (Vianna).

Que morre primeiro o que primeiro lôr para a cama—é tradição muito espalhada.

Incluiu-a o dr. Leite de Vasconcellos nas suas *Tradições*, pj. 224.

«No dia do casamento, o que primeiro sobe para a cama é o que primeiro morre (Gaia)».

Em Alvarães e freguesias próximas corre assim:—«Se o homem deixa a mulher deitar-se

primeiro fica-lhe sempre fiel mas morre antes d'ela. Devem-se deitar os dois ao mesmo tempo».

Uma mulher de aqui, acreditando que morria o que apagasse a luz na noite do casamento, arrojou um coto de vela (*tôco*, como por aqui se diz) para êle se apagar por si. . .

Viana

C. B.

(Do n.º 179 e 180, anno II, de O "Po. vo.", de Vianna do Castello, de 10 e 14 de Abril de 1910).



SUPERSTIÇÕES

Podia escrever-se um livro curioso a respeito de superstições populares. Pricipalmente nos campos, reinam ainda as crenças mais absurdas.

Ha muita gente, que acredita em bruxas, em almas do outro mundo, em espiritos malignos, em maus olhares, em quebrantos,

em figas e muitas outras cousas. As mulheres são as mais sujeitas à influencia d'estes desvarios e preconceitos sobrenaturaes.

Em certas casas consideram-se as pombas como bom presagio, e não se consente que se matem, porque a desgraça seria inevitavel. Ha pessoas que ficam alegres vendo uma borboleta branca, e pelo contrario tristes, se vêem uma mariposa negra. Estes prejuisos são muito vulgares mesmo nas cidades, em pessoas civilisadas e instruidas.

Muita gente attribue a causa das molestias e desastres a um simples olhar de inveja. Os lavradores receiam até que os seus gados sejam victimas d'estes maleficios, e procedem a fumigações para purificar os animaes e afugentar o mal.

Muitos outros exemplos curiosos podiamos citar d'estas crenças populares.



